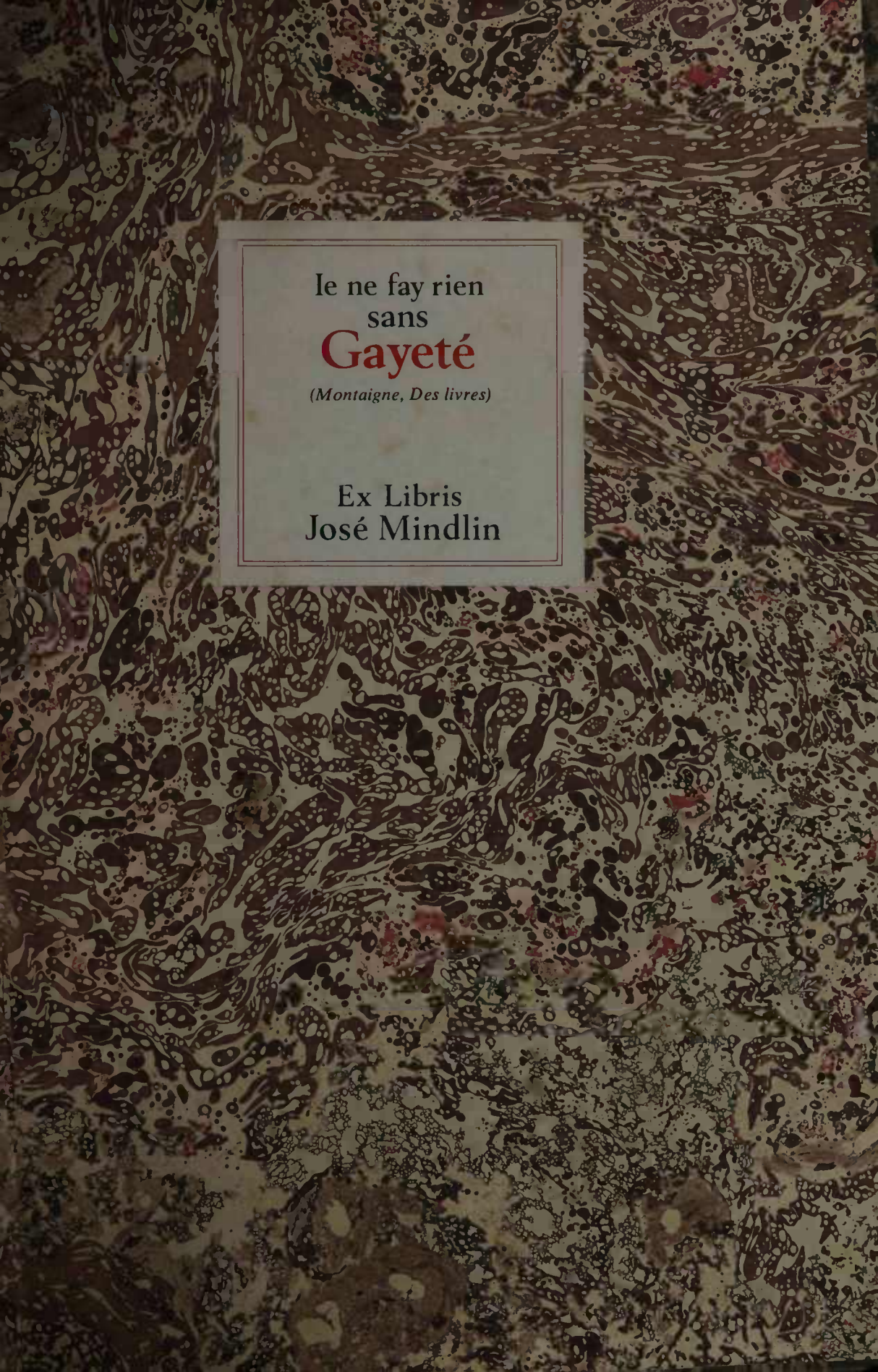






EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

The background of the entire image is a traditional marbled paper pattern, often called 'stone' or 'shell' marbling. It features intricate, swirling, and cellular patterns in shades of brown, tan, and cream. A central rectangular area is framed by a thin, double-line border in a light color, containing the text.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CANTOS EPICOS



A. de Pinho Lutz

Beco do Propozito n.º 2

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA .

CANTOS EPICOS

PCB

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

—
1861

À

SUA Magestade Imperial,

O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO

Imperador Constitucional

e Defensor Perpetuo do Brasil.

PROLOGO



Como o Saturno da mythologia grega devóra a civilisação seus proprios filhos. Baixa a poesia no thermometro intellectual quando progridem as sciencias e as artes ; porque, filha da ficção, deslumbra-lhe a retina demasiada luz.

Floresce ella na infancia dos povos quando em sua verde imaginação com vigor actuum as mais ousadas imagens e figuras. Em versos são escriptos os codigos, e nas canções e balladas pèrpetuam-se as mais gloriosas tradições nacionaes.

Em face das maravilhas da creação, absorto perante tanta grandeza e magestade, a primeira palavra do homem devéra ser um hymno ou antes um psalmo. Tudo n'elle era enthusiasmo, ardor infantil, n'uma palavra — espontaneidade. Poeta por natureza, estreou pela fôrma lyrica; e a ode tornou-se a sua linguagem por excellencia. Pertence á esta época o *Genesis*, e as odes de Pindaro.

Com velozes passos se aproxima a adolescencia : a familia succedeu á tribu, que mais tarde transmutou-se em nação. Revelada

na posse do rebanho a noção da propriedade, procurou depois o homem soldar-se ao solo, e fez-se lavrador. Metamorphoseou-se a cabana em casa, e esta em palacio. Cingiu um muro as habitações; formaram-se toscos reductos, que não tardaram em ceder o passo ás muralhas e castellos. Começaram as cidades, e extinguiu-se gradualmente a vida patriarchal. Trocaram os Nenrods os cajados pelos sceptros, e apascentaram homens. O pensamento e a acção, o sacerdote e o guerreiro, o pontifice e o rei, partilhavam o dominio d'essa sociedade. Circumscriptos são os limites do globo para a ambição do homem: o facto substitue ao direito; a força á razão; e nos antros da discordia gera-se a guerra. Toma o nome de heroismo o homicidio, que o SENHOR condemnára em Caim; ensopa-se no sangue paterno o ferro descoberto para fertilisar a terra rasgando-lhe o seio; tornam-se instrumento de destruição os animaes destinados a coadjuvarem o homem nos trabalhos agricolas; e quem maior somma de crimes commetteu mais basta teve a seara de louros, mais bellos epinicios ouviu. Mudou tambem de tom a poesia, em cujos cantos se reflecte a imagem da sociedade; trocou a harpa pela tuba, deixou de ser lyrica para converter-se em epica. No rubro horisonte das letras despontaram então as Ramayanas e as Iliadas.

Successivamente subjectiva e objectiva procurou a poesia na terceira idade do mundo fundir ambos estes elementos; querendo por um admiravel eclectismo lograr das vantagens de ambos. Esta combinação do principio lyrico com o epico pela representação directa da personalidade que aos nossos olhos se manifesta, com as idéas e sentimentos do dramaturgo, que dest'arte só indirectamente influe sobre os espectadores, é por certo a mais completa synthese d'arte, e o mais sublime meio de instrucção. Na Grecia, onde melhor foi comprehendido e executado este genero, vemos subir ao palco ainda revestido da magestade epica; são ainda deoses, semi-deoses e heróes os seus personagens, suas peripecias, sonhos, oraculos, e destinos; seus quadros, combates e funeraes. Eschylo foi discipulo de Homero; Sophocles de Pindaro.

Emquanto estes dous genios transcendentés inauguravam a tragedia, fustigava Aristophanes os ridiculos dos seus compatrio-

tas e, confundindo não raro a correcção com a injuria, dava principio á comedia pessoal, a que Menandro reserva-se para aperfeiçoar purificando-a das fezes do sarcasmo.

Como vimos, perpassára a Grecia pelas tres phases da poesia, e attingido havia ao zenith da civilisação quando, perdendo em dignidade o que ganhára em delicadeza, ajoelhou-se aos pés dos vencedores Cheronéa e Arbelles ; e trocando depois o seu bello nome pelo de *Achaia*, adormeceu, bella captiva, nos coxins da servidão romana.

Avassallando o mundo por suas invenciveis legiões, pouco curava a sultana do Tibre da cultura do espirito. Quando, porém, viu-se rica e poderosa, teve vergonha da sua ignorancia ; pediu a seus escravos a sciencia que ao principio desprezára : e sentindo-se pobre de inspiração e originalidade pôz-se a copiar os gregos. Horacio é um transumpto de Pindaro, Ovidio de Hesiodo, Tibullo de Simonides, Plauto e Terencio de Aristophanes e Menandro.

Profundamente modificou a sociedade antiga a apparição do christianismo : suplantou uma religião espiritualista ao paganism material, depondo sobre o cadaver de um mundo decrepito o germen da moderna civilisação. Era porém necessario que se preparasse o terreno para que esteril não se tornasse esse germen ; e a invasão dos barbáros produziu o benefico effeito que sóem de produzir as chuvas torrencias.

Da fusão dos tres elementos — o romano, o barbaro e o christão — que pareciam se repugnar, nasceu a sociedade moderna que, por uma admiravel alchimia, logrou d'essa poderosa unidade que constitue o segredo de sua força. Cumpria, porém, que a nova sociedade tivesse a sua expressão na arte e na litteratura, e recomencesse o cyclo por que acabava de passar a sua predecessora. Os hymnos sagrados substituiram aos canticos bellicosos ; reboou o *Te Deum Laudamus* pelas gothicas abobadas das cathedraes ; assumiu o pulpito a derrocada preponderancia da tribuna ; por sua inimitavel trilogia eclipsou Dante ao velho Homero, as *Sagas* do norte scandinavo, os *Niebelungen* da vaporosa Germania tomaram o lugar da *Theogonia* d'Hesiodo e dos *Fastos* d'Ovidio : preludiam o novo theatro os *mysterios e autos sacramentaes*, em

quanto Shakspeare e Lope de Vega não chegavam para crearem o drama.

Mudou o christianismo o eixo da epopéa; revolucionou-lhe o systema de equilibrio, substituindo-lhe o *maravilhoso*. Tinha o paganismo por principio amesquinhar a divindade para realçar o homem; assim vemos que os herões de Homero são da mesma estatura dos seus deoses: Achilles vale tanto como Marte; e Ajax anima-se a desafiar o proprio Jupiter. Infranqueavel é a barreira que no dogma christão separa o homem da divindade; podendo porém aquelle approximar-se d'esta pelos meios que por sua misericordia indicou-lhe. É portanto na nossa crença o homem que se sublima pelas suas acções, em vez de ser a divindade quem abdique a sua essencia. Considerada ainda pelo lado poetico é a nossa religião mais favoravel á epopéa do que as velhas e ridiculas theogonias.

Mas, porque, á excepção da *Divina comedia*, são as nossas epopéas inferiores ás antigas? — Porque são de nossos tempos historicos e não heroicos, porque protesta a verdade contra os floreios da phantasia; porque, á medida que caminha a civilisação, mais microscopico se faz o homem physico, e mais engrandece o homem moral. Achilles é infinitamente mais epico do que Godofredo: Enéas superior a Vasco da Gama. Reflectamos ainda que a hegemonia grega, e a autonomia romana facilitavam o geral interesse tão necessario a taes poemas, ao passo que as multiplicadas subdivisões do mundo moderno deixam apenas margem aos cantos nacionaes. Apenas d'esta regra se poderá exceptuar o *Paraiso perdido* de Milton; porquanto a mesma *Messiada* de Klepstock deixa de interessar aos sectarios do *Korão*, do *Zend-Avesta*, ou dos *Kings*.

Reconhecendo, como fizemos, a importancia do *maravilhoso* nas composições epicas, não desconhecemos que o arrefecimento da fé, o scepticismo philosophico, e mais que tudo a indifferença religiosa, epidemica em todos os povos hodiernos, contribue poderosamente para suffocar a inspiração epica, estabelecendo terrivel antagonismo entre a razão e o dogma.

Exuberantemente provaram os legisladores do novo Parnaso

quão nocivo era á poesia epica o emprego de divindades nas quaes não acreditava o poeta, como acontecia aos *classicos*; e lutam hoje os *romanticos* com o mesmo embaraço, não podendo servir-se das legendas christãs com receio do sardonico riso d'algum Aretino.

Nos amphitheatros, gabinetes e laboratorios da sciencia dissecam-se as flôres da imaginação: deixou o trovão de ser a voz de Deos; o raio foi por Francklin arrebatado ás nuvens; pinta-se com a luz; dispensa a telegraphia electrica as mensagens dos passaros; zombam os *Great-Eastern* das trombas maritimas; affronta o vapor as iras do oceano; abate o canhão raiado muralhas mais fortes do que as de Troya ou Jerusalém; e os escudos dos Achilles e dos Enéas não os preservariam da terrivel acção das balas conicas.

Vivemos em um seculo de prosa; ao ruido das machinas fugiram as musas; o tempo tornou-se o peculio do pobre e o cabedal do rico; temos pressa de gozar, porque a morte, amestrada no calculo, multiplica a vapor suas victimas. Verdes colhemos os fructos receiando não poder obtel-os quando sazoados. Impacientes olham os mancebos para as cadeiras curús em que se sentam os anciões da patria; por nada é tida a experiencia, e os fugazes lampejos do talento são antepostos ás profundas cogitações dos sabios.

Será esta a estação terminal da sociedade moderna? — Não o cremos. — É apenas uma transição, uma metamorphose da chrysalida humana. Tudo se transforma; instituições, crenças, usos e costumes passam pelo crisol da revolução, purificam-se ao fogo dos novos principios. Longa tem sido a gestação, rude a prova; confiamos, porém, que a nova phenix valerá mais do que as outras.

Nas trevas do sentimento moral, no eclipse da verdadeira poesia, crepusculam aqui, e ali, alguns fanaes, divisam-se algumas almenaras acesas por corajosos eremitas, que, nas montanhas da fé, preservam-se da mephitica atmospheria da dúvida e da crença.

Um desses videntes, que lobrigam os longinquos horizontes do futuro, é o nosso douto amigo o Sr. *Joaquim Norberto de Souza*

Silva, que aguardando as condições com que a nova epopéa deve ser escripta, compoz os seus *Cantos épicos*, cujas tres unidades são: — a historia, o Brasil, e o futuro: protogonistas — os heróes da patria: maravilhoso — a verdade.

Digamos duas palavras sobre o quilate das esmeraldas e saphiras que ora engasta em seu diadema poetico.

O canto denominado — *A Cabeça do martyr* — é consagrado ao desditoso Xavier, cuja heroica morte remiu as leviandades da sua vida. Inspirado pelo mais puro patriotismo extrahе o nosso amigo do seu plectro accentos de justa indignação contra os insensatos rigores d'*alçada*. Respeitando a verdade historica, borda a sua têla com os arabescos da imaginação, e consegue interessar deleitando. A apparição do vulto mysterioso, que tam vehemente e sentida apostrophe dirige á cabeça que exposta estava ás profanações do vulgo, produz sublime effeito. Nem menos bello é o character do corajoso velho, que semelhante a Priamo, vae, através de mil perigos, buscar os restos inanimados de seu filho para dar-lhes honrada e christã sepultura.

Pouco apaixonado pelos seres allegoricos somos obrigado á reconhecer que a introdução da *Guanabara* na *Corôa de fogo* foi urna feliz concepção, e que muito abona os conhecimentos estheticos do auctor. Parecerá, talvez, a alguем por demais violenta a imprecação contra a intolerancia que empresta o poeta á cidade de Estacio e Mem de Sá: julgamol-a nós justa e comedida em relação ao acto de feroz fanatismo que arrastava á fogueira um honesto cidadão, esposo fiel, pai carinhoso, amavel e espirituoso dramaturgo, cujo unico delicto era o de ser (quiçá calumniosamente) suspeita a sua orthodoxia!!!

Enxugando o pranto que lhe causárão os supplicios dos protomartyres da independencia e liberdade religiosa, reveste-se a musa do Brasil do seu esmeraldino manto, touca-se com o cocar de variegadas côres para saudar no *Ypiranga* esse brado magestoso, que das encostas dos Andes ás praias do oceano echoava pelos valles e quebradas, transfigurando a opprimida colonia em florescente imperio. O sonho do heróe em que se lhe figuram os grandiosos destinos d'esta terra o movimento espontaneo com

que, tirando da espada, corta o vinculo que nos prendia a Portugal, pareceram-nos summamente bellos. Com verdadeiro enthusiasmo descreve o auctor esta scena, por certo uma das mais dramaticas da nossa poetica historia.

Na *Visão do proscripto* paga o auctor o seu tributo de admiração ao maior capitão de nosso seculo ; é o unico canto que não é nacional ; mas o auctor volve de novo á patria para cantar a festa do cruzeiro.

É a *Festa do cruzeiro* um lindissimo episodio artisticamente ennastrado na grinalda da independencia. Foi por certo um felicissimo pensamento o da introduccão d'essa heroína que nos campos de Pirajá baptisára a sua espada, e que trocára as modestas e pacificas occupações do seu sexo pelo ruido e confusão das batalhas, a gloria de Cornelia pela de Semiramis.

Tudo n'esta colleccão é famoso e digno de estinia : mas se d'entre tantos primores pudesseinos estabelecer preferencias penderiamos para o bello canto intitulado *Os Guararapes* no qual as duas mais celebres victorias que ornamentam os fastos nacionaes apresentam-se ao Imperador, quando, peregrino da historia, emulo de Trajano, visitava o theatro das façanhas dos Vidaes, Camarões e Dias. Sem nada arrefecer do seu patriotico estro, sem largar por um momento a tuba epica, revela ahi o benemerito poeta os accurados estudos que dos nossos annaes tem feito, e quanto lhe são comesinhos os mais reconditos segredos da historia.

Vae por si avaliar o leitor do merecimento dos *Cantos epicos* ; e esperamos que será igual ao nosso o seu *veredictum*. Formamos votos para que não sejam retardadas as demais estrophes d'esse immenso poema que se propôz escrever o nosso respeitavel amigo, lançando mão da unica fórmula que, quanto a nós, é hoje possivel fructuosamente empregar.

Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1861.

Conego Dr. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.



I

A CABEÇA DO MARTYR

E que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Villa-Rica, aonde em logar mais publico d'ella será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma.

(SENTENÇA DA ALÇADA.)



DIA! — O sol ja doura o alto cume
Do Itacolumi, gentil mancebo
Que o indio converter-se em pedra (1) vira ;
Cantando, a turba dos mineiros folga ,
Distinguindo no fundo da batêa
O aurêo metal, ou nos cercados leitos
Dós turvos ribeirões, que além se escapam ,
Os diamantinos grãos, rivaes do prisma.

E' dia! — Ja la segue a caravana
Dos reaes quintos — o suor dos povos —
Pelos ingremes trilhos tortuosos
Da serra altiva, que os cabeços ergue
Calvos, arrepiados — ou cingidos
De donosas palmeiras, como outr'ora
O selvagem buçal — senhor das selvas —
— Rei sem sabêl-o, de um famoso imperio,
A fronte ornava de vistosas plumas !

CANTOS EPICOS.

E' dia! — De um azul bello e sem nódoa
Se ostenta o céu : a natureza ri-se
Na pompa e gala das mimosas flôres,
Que effluvios perfumaes (2) aos ares mandam ;
Murmura a briza ; o rio se espreguiça ;
E as aves trinam canticos de amores ;
Tudo é alegre , mas turbada e lugubre
Desperta a nobre filha das montanhas
— Villa-Rica — o emporio das riquezas ,
Aonde de João , quinto no nome
Tem a faustosa côrte o seu celleiro
De diamantinos grãos , de grãos de ouro ,
Cópia não vista de thesouro immenso ,
Que as frotas annuaes ao reino levam ,
Acendendo a cubiça em lusos peitos ;
— Arcadia do Brazil , que afoita soube
Cantar de um povo escravo a liberdade ,
— Mãi de heróes (3) , que destêrro estão soffrendo !

E' dia! — Sobre a praça vê-se um poste ,
E sobre elle hasteada uma cabeça ;
Mirradas faces , moribundos olhos (4)
Ainda vertem lagrimas de sangue ;
Longos cabellos , mal encanecidos (5) ,
Fluctuam ao passar da triste briza ,
Que geme , como um peito angustiado.

O povo é triste ; a mãi ao seio estreita
A innocente filha , que não ouse ,
Pelas desertas ruas percorrendo ,
Ir no poste fitar innoxias vistas ;
Passando o viandante a fronte curva ;
Leva na mente a prece , a dôr no peito ,

As lagrimas nos olhos , n'alma a crença ,
 E a expressão que expira á flôr dos labios :
 « — Martyr da liberdade , eu te saúdo ! . »

E o filho de Erin (6) , que em duros ferros
 Pagou seu pasmo por um novo imperio
 Brada em seu coração : — « Baldado exemplo !
 Improficua lição da tyrannia !
 Resurge da oppressão a liberdade . .
 Dos martyres o sangue não se extingue ;
 — Germen fecundo — phenix da vingança ,
 Sobre a terra produz e herões pullulam ! . .
 Remido o povo , adora o cadafalso ,
 Qual symbolo de fé que ao céu se eleva ! »

De quem era a cabeça ? Se o selvagem ,
 Barbaro filho dessas brenhas rudes ,
 Aqui viesse e suspendesse o passo ,
 Diria que arrancado havia sido
 Ás cahçaras , que as tabás contornam (7)
 Onde em hasteas erguidas tambem tinha
 Os craneos dos valentes inimigos ,
 Que devorára nos festins da morte !
 Negreiros , Camarões , Henriques Dias
 Jurariam ver nella a fronte exangue
 Do traidor (8) , que vendêra-se aos contrarios ,
 E aos estranhos abriu da patria as portas !

O sol , que a vira , resurgindo bello
 Pela primeira vez sobre esse poste ,
 Torvo entre as sombras se sumiu do occaso

E sobre elle entornou a escura noite
 O luto envolto nas sombrias trevas ;
 Apenas sob a abobada celeste
 Brilham da cruz as fulgidas estrellas ;
 E' mudo tudo ; as ruas são desertas ,
 E a villa , prostrada ante os altares ,
 Vota em silencio a Deus ardentes preces.

Do poste erguido um vulto se aproxima ;
 Mysterioso envolve-o negro manto ;
 Desabado chapéo lhe cobre a fronte :
 Pára ; estremece ; turva-se-lhe a mente ,
 E ao poste se apoiando , o poste abraça ;
 Mas a hástea fatal se agita e treme ;
 Rumoreja a cabeça ; ave de agouro
 Sólta , voando , desusado grito.

Breve a vertigem foi ; o ánimo volta ;
 E o vulto , a larga fronte descobrindo ,
 Corre a dextra nas tranças , que lhe descem
 Pelos occultos , torneados hombros ;
 Cruza depois os braços ; alça os olhos ;
 E suspirando n'estas vozes rompe :

« — Eis a infame justiça , a vil vingança !
 — O opprobrio — a affronta á denodada villa ,
 Que um momento pensou em liberdade !
 — Quitação da derrama não cobrada !.
 — Blasphemia atroz á obra de Deus vivo (9),
 Que insulta um povo e a humanidade avilta ;
 — Presente indigno — galardão cobarde —
 Do régio tribunal , da atroz alçada !.

Oh! maldição aos vis, que a patria offendem!
 Gloria ao martyr! Benção sobre o seu nome! »

Calou-se. A briza perpassando geme
 Nos longos pinheiraes dos ermos valles;
 E a ave de agouro esvoaçou de novo,
 Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu: « — Eu sei que um martyr
 No patibulo expiou o amor da patria;
 Que outros em vil desterro a morte affrontam
 Nos areaes de inhospitos desertos;
 Porém não sei ao certo. Dá-se acaso?
 Talvez. pôde bem ser .. de horror me gélo!
 Frio tremor me cõa pelos ossos.

« Ai! me sinto morrer. mas a incerteza.
 Oh! a incerteza me envenena a vida.
 Como sem elle viverei no mundo!
 Viuvo o coração de amor tão puro
 Findar-se-ha nas ancias da saudade.
 Na aridez do pezar que me confrange;
 Em vão a mente reproduz em sonhos
 Quanto fruí sem saciar meu peito.
 — Volcão que em chammas abrazou-se outr'ora,
 E hoje sem erupção se extingue, acaba!
 O que vale a lembrança do passado?
 O que gozei e gozarei ainda
 Que pague o que hoje soffro?. Ave mesquinha,
 Encontro o caçador e não o amante;
 Vejo o ninho boiando sobre as agoas

Da cheia immensa que inda inunda os campos,
Sinto a tormenta e não descubro o Iris,
Que magestoso liga o céu á terra! »

Calou-se. A briza perpassando geme,
Nos longos pinheiraes dos ermos valles;
E a ave de agouro esvoaçou de novo,
Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu: « — Quem quer que sejas,
Oh! porque não te animas n'este instante?
Oh! porque me não vês e não me fallas?
Ah! Dize se és quem penso — duvidosa —
Animo tenho, escuda-me a coragem;
Inda uma vez... um so signal me basta;
Faze tremer a hástea que sustem-te,
Ou rumoreja com o passar das auras.
Falla no pio d'ave dos agouros,
Com suas azas roça-me esta frente.
Ou invisível, qual da morte o espectro,
Toca-me as fibras que estremeça eu toda...
Animo tenho... em paga desse gozo
Nos frios labios te darei um beijo..
Sim, beijarei a frente onde brilhava
Da patria independencia o pensamento.
E onde o estro borbulhando, ardendo
N'esse delirio, que arroubava as almas,
Vertia em cantos amorosos sonhos!
E onde eu vivia qual risonha imagem
De amor, de graça, de belleza e encanto;
Idéa fixa, a que jámais mesclou-se
Uma outra idéa que não fosse a amante! »

Calou-se. A briza perpassando geme
 Nos longos pinheiraes dos ermos valles;
 E a ave de agouro esvoaçou de novo
 Soltando tristes, agoureiros pios.

E o vulto proseguiu: « — Dourado sonho
 De meu porvir de amor esvaeceu-se;
 Bem te dizia: « Apressa-te! Vem cedo!
 « Que esperas? Que te falta? Uma licença!
 « Dous annos (10) já lá vão!. . . . » Ah! bem sabias
 Como eram lentas da saudade as horas..
 Longo tempo esperei, louca de amores..
 Vi depois enlutar-se a minha vida..
 — O meu véo nupcial ennegrecer-se,
 — Não servir o vestido que bordavas (11),
 — Apagar-se o altar de nossos votos,
 — O thalamo de amor cahir por terra,
 — E da nossa união fugir o ensejo:
 Vi-te perdido. na traição envolto.
 E busquei te salvar. Ah! não te lembras
 Do vulto (12) que a deshoras te dizia:
 « — Foge, evita a prisão. os teus avisa! »
 E rapido qual raio, se perdia
 Pelas trevas da noite? Nem pensavas
 Que abysmo immenso se cavava e abria
 Sob os teus pés!. Ai! surdo não me ouviste;
 Eu em vão te esperei; — contigo iria.
 Para onde? Onde amor nos dêsse um thalamo.
 E o abençoasse Deus. Mentiu a musa
 Prazeres pastoris—fruitos campestres (13).
 — Poeticas ficções—sonhos da vida,
 — Enganos d'alma que jamais voltaram!
 Dêsse-me ella hoje a choça amiga
 Com seu tecto de colmo e frescas agoas,

Verdes collinas contornando os campos
 E o gado errando ao frêmito saudososo
 Da frauta que o pastor meigo soprasse,
 Satisfeito de si nunca queixoso
 De mim ingenua companheira sua ! »

Calou-se. A briza perpassando geme
 Nos longos pinheiraes dos ermos valles ;
 E a ave de agouro esvoaçou de novo,
 Soltando tristes , agoureiros pios.

E o vulto proseguia. mas distante
 Côra da noite o vaporoso seio
 Incerta luz que a medo bruxolêa.
 Ja mais distincta a ve. . . um vulto a segue!
 Quem será que . como elle , assim se occulta,
 Não em manto que imita a densa treva,
 Porém em brancas desusadas roupas ?
 Alva mortalha o veste , qual espectro
 De um justicado . . . Alampada funèrea ,
 Que traz a dextra , lugubre derrama
 Clarão sinistro , pallido qual astro
 Que a luz reflecte de cinéreas campas . .
 Quem será ? D'onde vem ? O que pretende ?
 Toma o chapéo , afasta-se , procura
 Ver quem é , indagar o que ali busca.

O vulto se aproxima. Oh ! é um velho
 De venerando aspecto e grave passo !
 Longas as cans descendo se confundem
 No largo peito com as espessas barbas ;

Acha brilhante de afiado gume
 Contém a sestra mão , á cincta um gladio ;
 Pensativo no gesto , chega ; pára ;
 Méde com a vista o poste ; e suspirando .
 Assim exclama merencorio e triste :

— « Cesse a vergonha atroz , a affronta cesse !
 Não mais o opprobrio sobre a patria pése !
 Não mais de insulto esta cabeça sirva
 Á nossa dôr aos filhos desta terra !
 Sim ó meu filho , vem dormir tranquillo
 No seio de tua mãe , em chão de mortos ,
 Onde a cruz do Senhor seus braços abre ,
 Até que um dia a patria livre seja ,
 E , novo imperio de Romanos novos ,
 Tua grata memoria revindique !
 Deus te condemnará , justiça humana ,
 A assembléa dos justos presidindo ,
 Coroado de gloria ! A sua dextra
 As obras pesará , não uma idéa ,
 Não uma causa , que não teve effeito ,
 Que tentativa nem chamar-se pôde !
 Em Deus confio : — a humanidâde um dia
 Liberta a venda arrancará do erro
 E sancta lei de amor e de iguâldade
 O Evangelho será dos povos digna . »
 Diz , ergue a acha , e o golpe descarrega ;
 O poste treme como leve setta ,
 Que vai cravar-se a um tronco ; convulsivo
 Gyra o trophéo da morte , que o coròã .
 E novo e ousado e mais seguro golpe
 Desfecha o velho . O poste estala tomba ,
 Palpitando no chão . Salta a cabeça

E cahe, e rola até o negro vulto
 Que se ajoelha a apauha, a abraça, a beija.
 Suspende o velho a alampada; caminha,
 Volteando curvo, tateando incerto
 O frio chão, que mal a luz aclara,
 Quando uma voz mysteriosa e doce
 Lhe diz: « — O que é que indagas? O que buscas?
 A cabeça talvez de. . . »

« Tiradentes (14),

(Lhe brada o velho com accento austero)
 Dá-m'a si a tens; seu pai (15) eu sou, e devo
 Cumprir de piedade um acto digno! »
 — « Toma, nobre ancião. e leva e dá-lhe
 Logar entre os que jazem que não seja
 Affronta para nós, como esse poste,
 Aqui alçado, qual ingente braço,
 Ao céu erguido a alardear um crime;
 Até agora pensei — incerta — vaga —
 Que era d'outrem. »

« Bem sei (lhe torna o velho,

As vistas lhe cravando com malicia,
 Lendo nos olhos seus, talvez, seu nome!)
 De algum bardo de amor que eternisasse
 N'essas tão bellas e sabidas lyras,
 Uma certa belleza... e mais ditoso
 Fosse. que 'ao menos lhe coubesse o exilio,
 Em que a esperança sempre alenta a vida,
 E com a idéa da patria nos afaga. »

O vulto respirou; — depois seguiram
 Ambos por longos trilhos, caminhando
 Silenciosos, como errantes sombras
 Ao pallido clarão da triste lampada,

Té que pararam juncto de uma hermidã ;
Cedeu do velho a porta ao leye impulso .
Sobre os gonzos rangendo , e entraram ambos.

Ao romper d'alva , ao toque d'alvorada ,
De Villa-Rica as torres resoaram .
Aos sons funéreos , tristes e pesados ,
Do merencorio toque da agonia ,
Desperta a villa 'de pavor tranzida ;
Vê-se por terra o poste — sem cabeça . . .
Um não-sei-que de lédo alegra os peitos . . .
Um sorriso maligno trahe as faces
Do povo , que enche a envilecida praça .
Ha quem diga que viu pela alta noite
Um padre negro — um justicado d'alva !
Fazem-se indagações . mysterio é tudo !



NOTAS.

(1) Itacolumi, corrupção de *Ita-conuni*, mancebo de pedra, nome que envolve a historia de uma metamorphose, talvez, da poesia indiana. É o mais alto cume da serra da Mantiqueira, ramal da de Ouro-Preto, na provincia de Minas-Geraes. A sua altura é de perto de oito mil palmos acima do nivel do mar.

(2) Não é muito que a par de tantos substantivos, como *perfume*, *perfumaria*, *perfumeiro*, *perfumadeiro*, *perfumista*, *perfumador*, e *perfumadura*, tenhamos tambem os adjectivos *perfumal* e *perfumoso*. Venia para elles ! Deixen'-os passar.

(3) Villa-Rica figura aqui como cabeça da capitania de Minas-Geraes. Os conjurados mineiros de 1789, que soffreram o exilio, nasceram pela maior parte em differentes villas da capitania e ainda em outros logares do Brazil, como Rio de Janeiro, S. Paulo, etc.

(4) Sei que moribundo é o que vai morrendo, e que os olhos de um decapitado não podem ser senão mortos. Não pinto aqui o que seriam realmente, mas o que pareceriam ser. Assim dizemos de um morto, ainda não desfeito de todo pela morte : « — Parece que está vivo ! »

(5) Tradicional. — Haviam-lhe crescido durante os dous annos, onze mezes e onze dias de sua prisão.

(6) Nicoláu Jorge, joven irlandez. Residiu no arraial do Tijuco, onde era empregado na junta da real extracção. Admirado da fertilidade, riqueza e vastidão do Brazil, disse que o paiz offercia todos os recursos para vir a ser um grande imperio, independente e livre como os Estados- Unidos. A idéa tornou-o complice da conjuração mineira. Denunciado pelo tenente-coronel de auxiliares Bazilio de Brito Malheiros do Lago em 5 de Abril de 1789, foi preso e retido incommunicavel na cadeia publica de Villa-Rica, onde o interrogaram nos dias 22 e 30 de Junho do mesmo anno.

O silencio sobre o seu destino é mysterioso!... Creio que o soltaram; não o sei ao certo; talvez que a historia da diplomacia ingleza nos explique ainda um dia.

(7) *Cahicaras*, triucheiras que defendiam as suas *tabás* ou aldeas.

(8) Calabar.

(9) Considerado o homem em sua generalidade como a obra prima do Creador.

(10) Historico. — Disse-o o proprio desembargador Thomaz Antonio Gonzaga em seu primeiro interrogatorio, em 17 de Novembro de 1789, achando-se incommunicavel n'um dos segredos da fortaleza da Ilha das Cobras; e deprehende-se da attestação do capitão-general visconde de Barbacena, governador da capitania de Minas-Geraes, datada da Cachoeira do Campo a 23 de Maio de 1789.

(11) Historico. — No seu segundo interrogatorio, na fortaleza da Ilha das Cobras, onde se achava incommunicavel, em 3 de Fevereiro de 1790, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga respondeu que na sua casa achavam-se hospedados o coronel Ignacio José de Alvarenga, e o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e que nella era frequente o Dr. Claudio Manoel da Costa; e por isso poderiam elles conversar sobre a conjuração sem que elle

respondente fosse participante , não obstante estar na mesma sala , por empregar-se em bordar um vestido para o seu casamento em-tretenimento de que nunca se levantava senão para a mesa. Entre os seus bens sequestrados nota-se um dedal de ouro.

(12) Historico.—A apparição de um vulto mysterioso , que segundo o testemunho de uns era um homem , e segundo o de outros era uma mulher , embuçada n'uma capa negra , com um chapéo des-abado enterrado até os olhos , que vai pela noite de 17 ou 18 de Maio de 1789 bater á porta de um ou outro conjurado , communicar-lhe que está trahido e denunciado , e aconselhar-lhe que fuja ; a sua imprudente divulgação pelo desembargador Thomaz Antonio Gonzaga ; as indagações particulares feitas a respeito pelo capitão-general visconde de Barbacena as quaes se seguiram á prisão do mesmo desembargador ; o interrogatorio do bacharel Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos na cadêa de Villa-Rica , e o comparecimento no palacio do Dr. Claudio Manoel da Costa , afim de darem explicações sobre esta apparição mysteriosa , e a attestação do ajudante de ordens A. Xavier de Rezende relativamente a este objecto , offerecem algumas paginas de colorido romantico á historia da conjuração mineira , ás quaes devo o assumpto d'este poemeto , digressão do pensamento . quando confeccionava a obra — *A conjuração mineira em 1789 , estudos historicos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional , baseados em numerosos documentos originaes existentes no archivo da secretaria de estado dos negocios do imperio.*

(13) Sirvo-me desta palavra como um substantivo do verbo — fruir — . e não como uma corrupção da palavra fructo.

(14) Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia *Tiradentes*, nasceu em Pombal , termo da villa (então) de S. João d'el-Rei , em 1748. Era alferes do regimento de cavallaria paga da capitania de Minas-Geraes. Denunciado pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis , por alcunha Joaquim Salterio , como um dos chefes da conspiração mineira , que projectara a independencia do Brazil 33 annos antes de sua proclamação , foi em 10 de Maio de 1789 encontrado

em um sotão de uma casa d'esta côrte da rua do Latoeiros , onde o havia occultado Domingos Fernandes da Cruz, contractador da prata, a pedido de D. Ignacia Gertrudes , senhora viuva que lhe era agradecida por lhe ter curado a sua filha. Levado para a fortaleza da Ilha das Cobras , e lançado em um de seus segredos, o interrogaram nos dias 22, 27 e 30 de Maio. Tiradentes, tomando toda a responsabilidade sobre si, confessa os seus projectos sem criminar , sem envolver um so de seus complices. Transportado depois para um dos segredos das prisões da Relação , soffreu ainda oito interrogatorios e acareações em 18 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 1790 ; 14 de Abril, 20 e 22 de Junho , 4, 7 e 15 de Julho de 1791. Condemnado á morte com outros muitos Brasileiros , ouviu depois a commutação da pena de seus co-réos em degredo, e a confirmação da sua ; sem alterar-se, deu os parabens aos seus companheiros , e padeceu a morte como martyr da liberdade nacional, subindo heroica e corajosamente o patibulo no dia 21 de Abril de 1792. N'esse mesmo dia, mas 292 annos antes , encontrava Pedro Alvares Cabral os primeiros signaes da terra de Sancta Cruz !. A sentença dos juizes de Tiradentes revela o mais execravel canibalismo, e perde toda a gravidade, que devia ter um tal instrumento, pelos insultos que atira ás mãos cheias.

(15) Domingos da Silva dos Santos, casado com Antonia da Encarnação Xavier. Tiradentes morreu com 48 annos, segundo se deduz de suas proprias declarações ; seu pai podia existir ainda por esse tempo ; não o sei ; mas talvez Deus ja o tivesse chamado á sua gloria , bem como a sua mãe ; sendo assim , não passaram por tão amargas attribuições. Tiradentes deixou uma filha menor, natural, por nome Joaquina , que viveu pobremente em Villa-Rica , em companhia de sua mãe. Alludem a estas infelizes os versos deste poemeto :

O povo é triste ; a mãe ao seio estreita
 A innocente filha , que não ouse ,
 Pelas desertas ruas percorrendo ,
 Ir no poste fitar innoxias vistas.



II

A CORÔA DE FOGO





RA noite, — no céu sereno e bello
Brilhavam as estrellas. Fresca aragem
Vinha ondeando brandamente as agoas
Do aureo Tejo, que em murmúrio triste
Levava seus queixumes ao Oceano,
Que outr'ora o sceptro lhe entregou dos mares.

Placida e meiga, reclinada á margem
De seu queixoso Tejo, adormecêra
A soberba Lisboa. — Decahida
Senhora do Occidente, — nobre sombra
De pompa, de grandeza e magestade ;
— Illustre moribunda , a quem o fogo
Da vida, que se extingue, ainda aquece ;
— Mãi de tantos herões , que a ennobreceram
O orbe avassallando ; — ella repousa
Sobre trophéos de esplendidas victorias ;

Cinge-lhe a fronte régio diadema
 No loado de sangue. (1) e nos seus muros
 Pompa, miseria, corrupção virtude,
 Superstição e ignorancia dormem.
 Dormem.. mas vêla o fanatismo, e soffrem
 Em negros antros desgraçados entes
 P'ra quem a morte eternamente impera,
 Sem que a esperança lhes lampeje ao menos
 Como um raio de luz rompendo as trevas.

E dormia tão bella como d'antes
 Quando Gama voltava do Oriente
 Por indomitos mares não surcados;
 Quando Cabral buscava no Oceano,
 Para asylo da estirpe lusitana
 Nos evos do porvir, um novo imperio;
 E Camões, embocando épica tuba,
 O luso no universo eternisava!

E dormia tão bella como d'antes
 Com seus sonhos de gloria, que na mente
 Em amplo peristyllo lhe mostrava
 Do passado as acções, que a heroicaram:
 Mas lá d'entre os heróes que á patria voltam
 Curvados aos trophêos que conquistavam
 Tanto sangue vertendo, eis que desponta
 Um valto feminil trajando verdes
 Douradas roupas. Vem em luz envolta,
 Incerta — já mais bella — emfim distincta,
 E pura como a luz do diamante.
 Na frente tem o elmo luzidio
 Inda c'roadado co'as vistosas pennas
 De seu patrio cocar; a dextra empunha

A espada rutilante, que lhe dera
 O seu primeiro herôe, que em paz descansa
 Dentro nos muros seus (2). E traz na sestra
 Escudo côr do céu, onde rutila
 Aurea esphera armillar (3). No largo peito
 Inscripção diamantina em fxa de ouro
 Patentêa o seu nome GUANABÁRA.

E mais se approximava. No semblante
 Amorenado, como a tez do jambo,
 Tem um não-sei-que de magoado
 Que vem do coração. Nos olhos bellos
 Duas ardentes lagrimas lhe rolam;
 Lisboa a reconhece. É ella, é ella,
 A princeza da America! Nos braços
 A aperta, a beija, e as lagrimas lhe enxuga,
 Que mal estanques nòvamente brotam!

« — Salve, augusta rainha do Occidente,
 Mãi de tantas cidades, e senhora
 Das agoas do Universo, salve! »

Disse

E se calára, e os échos acordando
 Nas quebradas da serra repetiram
 Tres vezes « — Salve! — » Magestosa e triste,
 Suffocando os soluços e contendo
 As lagrimas de dôr, prosegue a bella,
 Faustosa Guanabara :

« — Sim, cidade
 Dos sete montes, gloriosa e ingente,
 Que tens sob teus pés teus verdes loiros;
 Mãi de herôes, que no orbe eternisaram
 Tantas virtudes com teu nome e gloria,
 Quando remotas plagas perlustraram

Co'a palavra de Deus, n'ellas plantando
 A civilisação ao som da harpa,
 Da flauta e do anafil, ai! decalhiste
 Do teu throno de gloria!. .Envilecida
 Rojaste a rêgia fronte à torpe infamia
 Do fanatismo vil! Ludibriado
 Por injuria sacrilega, cobarde,
 Cuspida sobre a campa, inda orvalhada
 Das lagrimas do povo, esposa e filhos,
 Aguarda o grande rei, o teu monarcha (4)
 A hora da vingança que não sôa!
 E tu que eras inveja das cidades,
 Hoje em triste ignominia has convertido
 Teu faustó e tua fê. Cantos entôas
 A Deus por tanta infamia e iniquidade,
 Quando outr'ora subias tuas preces
 Pelas tuas empresas. Os ministros
 Da tua Igreja alfim se corromperam,
 E em vez de asylo que a miseria amparem,
 Cavam masmorras humidas, sombrias,
 Esse inferno de horror, onde a tortura,
 Para saborear os seus martyrios
 Sustêm a vida na agonia extrema,
 Um a um arrancando os ais da morte!
 La aos gritos de dôr e do martyrio
 Em torpes lupercaes a vida passam!
 — Cerdos — no lodo do prazer se cevam,
 — Midas — em fontes de ouro se saciam,
 — Abutres — os mortos desenterram
 — Athens — com a tonsura se corôam
 E profanaudo do Senhor^o nome
 Vertem os labios seus sagrados cantos!

« E tu dormes, Lisboa, recostada

Em trophêos de victoria, como nunca,
Oh! nunca mais alcançarão teus filhos!
Mortos são os herões! Cohorte infame,
Pelo facho sanguento das fogueiras
Trocou os gladios seus. Em vez de aço
Se vestem de estamenha. E o que te lucram
Suas victorias? Que trophêos? Que loiros?
Que novas possessões?. Semente cinza,
Cinza fria, que ahi dispersa o vento;
E a vergonha emfim, labêo tremendo
Que um dia pelos povos do universo
Em rosto a Portugal será lançado
Como um escarneo vil como um ferrete.
Tu dormes, e o patibulo de fogo
Se prepara nas praças aguardando
As victimas que os carceres povoam,
Ja cansadas de tratos e flagellos,
Que é para ellas lenitivo a morte.

« Rainha do Occidente! Não estranhes
Á filha tua esse dizer singelo;
Na nossa cara America — innocente —
Como a filha da taba humilde e tosca
So tem cabida as fallas que não mentem.
Nascida ingenua nos meus verdes bosques,
Onde vivificou-me a aura sagrada
Da liberdade, desconheço a arte
Com que em tua côrte adorna-se o discurso;
Mas justa é minha dôr, e verdadeiras
As lagrimas que choro agora e sempre.

« Rainha do Occidente, empunha o gladio
Com que outr'ora mil pugnas pelejaste,

E apaga essas fogueiras , e dos templos
 Varre esses sacrilegos ministros .
 Auri-sedentes , perfidos algozes.
 Abre as portas aos carcereiros. Penetra
 Á luz da liberdade essas masmorras ,
 E vingame tambem. Oh ! sim , Lisboa ,
 Do filho de tua filha a vida salva !
 Madrasta de Camões , ai ! restitue-me
 O filho o meu poeta (5) que mais prêzo.
 Ai ! basta de martyrios e flagellos,
 Que algozes não , porém santos ministros
 De um Deus , que é todo puro amor , inventam !

« Ah ! vingame tambem ! Leva teus olhos
 Pelas plagas da America , que inculta
 Se diz á falta de fataes fogueiras ,
 De tribunaes de sangue , de masmorras ;
 Verás minhas irmãs em dôr envoltas
 Chorando os filhos seus , que lhes roubaram ,
 Para transpondo o mar o cêo transpondo
 Expiarem nas praças e masmorras
 Ligeiras culpas que nem sempre existem !
 — Nem o pudor da candida donzella ,
 — Nem a honra da esposa e da viuva ,
 — Nem o fructo da industria e do trabalho
 Que obteve o ancião na mocidade ,
 Podem nossas florestas occultar-lhes.
 Os braços da fatal concupiscencia
 Da sedenta cobiça vão lá mesmo ,
 Roubar-lhes tudo a troco de tormentos !

• O digno rival de Gil Vicente ,
 O Plauto do Brazil que Lysia honrava ,
 Definha na masmorra (6) ! Dentro em breve

O sol virá dourar teus sete montes,
 E o filho do Brazil, meu caro filho
 Entregue a vis algozes e á fogueira,
 Entre o horror das chammas ondulantes
 Sua alma mandará á eternidade.
 Com elle morrerão os seus martyrios
 Mas ai da mãe, da esposa e filha sua (7)
 Que n'um valle de lagrimas expostas
 Á irrisão ficarão da bruta plebe!
 Vêde-o lá na masmorra (8)! É elle! É elle!
 Braços cruzados sobre o peito, envolto
 Em longa roupa (9), pensativo erra,
 E suspira e pranteia de saudade
 Longe de Leonor e de sua filha,
 A tenra filha, que no berço dorme!..
 — Em vão por elle os grandes se interessam
 — Em vão por elle os seus amigos pedem
 E o proprio clero o defender procura;
 — Em vão da esposa as lagrimas ardentes
 Correm, mas não abrandam-lhe os verdugos!

E elle soffre; e n'aquella vasta mente,
 D'onde Deus fez brotar tanta poesia,
 Arde a fogueira, que queimal-o deve,
 Mais e mais realçando os seus horrores;
 No duro leito se recosta e dorme
 E no meio da noite acorda o triste
 Entre a chamma e a fumaça de seu corpo.
 É a febre que o escalda!. São os sonhos
 Que o porvir lhe antecipam! Que agonia
 De longas noites, que jamais se findam,
 Quando, ai! pobre de mim, misero d'elle,
 Alegre o povo teu — ebrio de gôzo —
 Seu genio applaude em público theatro!...

« Lisboa , inda uma vez attende escuta
 À triste Guanabara , a predilecta
 Filha de tua America ; — Desperta !
 Vinga a ti e a mim ; acorda os Lusos ;
 Chama por teus herões ! Ah ! vence e doma
 E aniquila o tribunal de sangue
 Que a corôa de espinhos convertêra
 Em carocha , e o sudario em sambenito ,
 A cruz no póste erguido da fogueira ,
 O fel da esponja em fogo chammejante ,
 E na sua irrisão se disse — Santo ! »

« Rainha eis-me a teu lado . e a teu lado
 Ao brado teu se enfileirão teus filhos !
 Radiante de gloria e culta e livre
 Eia te ostenta entre as nações do orbe .
 E então ? . Ah ! decrepita rainha ,
 Decahida senhora do Atlantico
 Desamparada ficarás dos filhos !
 Rotos os laços , qu'inda a tã me ligam ,
 Não compartilharei tuas infamias .
 Olha , transpõe os aunos , vê , escuta
 O brado ingente : — Independencia ou morte ! »

O sonho ou a visão se esvaecêra
 E ao som dos sinos lúgubres Lisboa
 Desperta e onve a fúnebre arvorada
 D'esse dia fatal ! Oh ! Céos ! que pompa
 Ostenta a cathedral do luso reino !
 Cruenta procissão sañccionada
 Co'a presença do rei lá sahe lá segue
 E no meio dos martyres caminha
 O filho do Brazil . (10) Retumba a nave
 Os canticos divinos com que os homens
 Tudo profanam na viugança sua .

Para occultar aos céos esses horrores
 — Esse duro holocausto — essa hecatombe,
 — Esse acto de fé — esse espectáculo
 Sacrilego, tremendo. . . qual os deuses
 Dos barbaros não viram, ja sem raios
 Transmonta o sol, e desce a escura noite
 Pejada de tristeza. Eis se dispersa
 Do templo a multidão, que afflue á praça (11)
 Impassivel e muda. Aos vis algozes
 As victimas se entregam. La crepitam
 Ensanguentadas labaredas! Elle,
 Primeiro do que todos, sóbe altivo
 E impavido á fogueira — o altar de sangue:
 Saúda a patria e o seculo futuro,
 Que saberão vingar sua memoria,
 E co' o nome da esposa e Deus nos labios
 Se consome nas chammas; pó e fumo
 Se torna emquanto o espirito sublime,
 Phenix do céu regressa á origem sua,
 E entra em Sião ao som de dulcis hymnos !

A aragem da manhã tomou-lhe as cinzas,
 Leve roçando as azas na fogueira
 Extincta e fria, e as sacudiu ao longe.
 O Tejo as recebeu, e o Oceano,
 Melhor, mais compassivo do que os homens,
 As trouxe ás praias de seu patrio ninho.



NOTAS.

(1) Das victimas da inquisição.

(2) Estacio de Sá, que morreu pelejando pelo Rio de Janeiro.

(3) Armas do Rio de Janeiro nos tempos coloniaes, e que hoje figuram no pavilhão nacional.

(4) D. João IV cuja luta com a inquisição é geralmente sabida. Foi a elle que João Fernandes Vieira, em Pernambuco, e Amador Bueno da Ribeira, em S. Paulo, provaram a sua fidelidade, e que os heróes do Brazil não eram inferiores aos heróes da India.

(5) Antonio José da Silva, poeta comico nascido no Rio de Janeiro em 8 de Maio de 1705, e para quem Portugal não teve senão uma coróa de fogo! Era filho de João Mendes da Silva, tambem natural do Rio de Janeiro, e que teve os maiores credits de poeta em seu tempo, e de Lourença Coutinho. Esta desgraçada mulher - que tanto soffreu n'este mundo, foi arrastada pelas ruas do Rio de Janeiro, mettida n'uma embarcação e levada á inquisição de Lisboa, e d'ahi se originou a desgraça de Antonio José, que, na idade de 8

annos , acompanhou-a a Portugal com seu pai e seus irmãos. Aos 21 annos formou-se elle na universidade de Coimbra , e de volta á Lisboa , foi n'esse anno , a 8 de Agosto de 1726 , levado ao tribunal do Sancto Officio , e solto dous mezes depois n'um auto de fé. Desde então se deu , pelo espaço de dez annos , á composição das suas operas comicas , que tanta voga tiveram no Brazil , não obstante opinião em contrario, como mostrarei em logar mais competente.

(6) Em 5 de Outubro de 1737 entrou Antonio José pela segunda vez para os carcerees da inquisição , dos quaes só sahio para a horrivel fogueira dous annos e quatro dias depois. Nas masinorras foi posto a tratos e **padeceu** os tormentos da polé.

(7) Casou-se com D. Leonor Maria de Carvalho em 1734 , e em Outubro de 1735 nasceu-lhe a filhinha Lourença.

(8) Carcere n. 6 . corredor meio novo.

(9) Trajava um roupão azul forrado de encarnado , e passeava com as mãos mettidas nas largas mangas , e para repouso só tinha o duro taboado da tarimba de seu carcere.

(10) Lavrada aos 11 de Março de 1739 a sentença de Antonio José em que foi condemnado por convicto negativo e relapso , foi-lhe ella intimada na tarde de 16 de Outubro d'esse anno , e logo entregue no oratorio no cuidado do jesuita Francisco Lopes , e no auto de fé de 19 d'esse mez subia elle á fogueira ! Estremeço de horror quando contemplo essa época negra de Portugal , Hespanha e Italia ; n'esses paizes , e durante tão barbaro fanatismo . **envergonhar-me-hia de ser christão.**

(11) Campo da Lã , logar em Lisboa , onde hoje existe o haver do peso e o terreiro publico.



III

YPIRANGA

—



DETEM-TE, ó viajor! — Não vês o rio
Que a montanha contorna e além se perde
Por entre arbustos sussurrando e rindo?
Não vês o sol abrihantado e bello
A descambar no fúlgido horizonte?
A brisa que respira o odor das flôres?
As aves que acolher-se aos ninhos cantam?
E o pastor que o rebanho ao aprisco leva
Ao som da frauta suspirosa e triste?
Tu estás no Ypiranga!. Ah! que nesta hora
Ainda o écho dos vizinhos montes
Repete o brado: « Independencia ou morte! »



Oh! nesta hora tambem Cabral pairava
Sobre o Oceano, extático, enlevado,
Ante dos Aymorés o erguido cume
Que dourava tambem em luz immensa
Vaidoso o sol no rubido occidente ;

E da terra, que então se alevantava
Como uma flôr do seio do Oceano,
Trazia a brisa sobre as curvas azas
O hymno da brazilia liberdade,
Que morria p'ra sempre se quebrando
De encontro às prôas dos bateis soberbos.

Era o sol como agora! Oh! como agora
A aragem murmurava os seus queixumes
Enleada nos leques das palmeiras.
Ou sorrateira ao manaká roubava
Subtil perfume, que embriaga, encanta,
E as azas encolhendo docemente
Se extinguiu. No fulgido occidente,
Rubro como um oceano incendiado,
O sol fluctuando como um globo de ouro,
Magestoso ao occaso caminhava,
E a luz dourada que mandava á terra,
No bello valle projectava a sombra
Do vulto equestre que assomando vinha.
Seguia-o numerosa comitiva;
E elle era bello em seu corcel fogoso,
Como o anjo da guerra em seu cavallo
De vastas azas com sua brida de ouro,
Voando sobre o campo da batalha;
E seu corcel nitria — sequioso
Do pouso amigo que adivinha ao longe.

Pensativo, em si mesmo recolhido,
Não falla o cavalleiro, e o silencio
Pende dos labios dos fieis que o seguem;
Dorme tambem nas quebras das montanhas
O écho, que a gloria do porvir nem sonha,

Sem saber qual o brado que da inercia
O virá despertar p'ra todo o sempre.

Pensativo — e seguindo, elle dizia
Naquella alma tão grande como o imperio
Que elle creou depois no novo mundo :
« — Salve, ó terra benigna e hospitaleira,
O' patria de Amador ! (1) Rei qu'um segundo
Eternisou por seculos e seculos
Deixando-lhe na frente magestosa
O brilho da corôa que engeitára,
Tanto a abnegação no mundo é rara!
E qual teu premio foi? Livraste a patria
De iberos ferros entregando-a aos lusos!
Talvez que o sangue tepido, fumante,
Do martyr (2), que jorrou ás mãos de algozes,
Te coasse na lousa do sepulchro
E humedecesse teus mirrados ossos!
E quando o crâneo seu livido e secco,
Inda ensombrado por melenas negras,
Rangesse volteando sobre o poste
Da praça ao bafo da nocturna aragem,
Quem sabe se o rumor não te quebrava
A mudez do sepulchro interrompendo
O teu dormir de morte? Além, lá nessas
Terras de diamantes s'ergue altivo
O monumento (3) que o seu crime lembre,
E o teu nome esquecido á patria deixam!.

« Negreiros, Camarões, Rabellos, Dias,
Jazem sob a poeira em que repousa
As cinzas de um traidor (4), cuja coragem
Contra a patria alentou esiranha guerra!

— Herdeiros de Camões — brazilios bardos,
 Sobre a terra africana a vida exhalam,
 E tu, ó Amador dormes na campa
 E teu dormir não é de paz por certo;
 Mas dorme, e um dia acordarás de todo!

« — Gigante do poder — em vão tua patria
 luda no berço seu ergueu seus braços;
 Negros grillhões os pulsos lhe opprimiram;
 — Escravo — pelejou como homem livre,
 — Infante — batalhou como um gigante,
 Mas tudo lhe faltou que não medrasse:
 Artes, letras, sciencia e commercio
 Lhe negou a miserrima politica
 Desses tempos de então, e o Luso ufano
 E avaro das riquezas deste solo
 Trancou os portos seus ao orbe inteiro.
 Fóra de Portugal restava — um mundo,
 Porém para o Brazil mais nada havia!

« Ah! não foi illusão, quando cansado
 De longo viajar ouvi o brado
 Do gageiro que a terra annunciava:
 Então meus olhos absortos viram
 Sobre a plaga da America ditosa
 Resupino gigante (5), e no seu sonho
 Pareceu-me dizer com voz tão clara
 Que os povos todos do Universo o ouviram:
 — Vem com tua palavra despertar-me;
 Dá-me esse gladio, tira-me as algemas;
 Ah! já me causa esse dormir de pedra:
 « Dize qu'eu viva, manda que me erga,
 E o mundo todo ficará pequeno

- « Ante o gigante armado de teu gladio !
- « Em troco tu terás immenso imperio ,
- « Seguro throno , diamantina c'rôa ;
- « Junto à cruz de Cabral darás aos povos
- « Sagradas leis em taboas argentinas ;
- « E unida a monarchia á liberdade
- « Em sagrado consorcio , a tua stirpe
- « Eterna gozará de seu imperio.
- « Oh ! brilhante futuro ! Lá nos Andes
- « Sobre o seu throno de alabastro e ouro
- « Se sentará brazilia liberdade !
- « — Rainha das nações — seu justo sceptro
- « Não pesará jamais sobre o universo ;
- « Não terá por tributos de outras plagas
- « Os sanguentos trophéos de escravos povos ;
- « Não virão os bateis sulcando os mares
- Trazer-lhe as páreas de vencidas gentes !
- « Outra será sua gloria , outra mais bella,
- « Digna da humanidade. De seu throno
- « Ha de a filha (6) sahir que os Lusos livre
- « Do rude despotismo. No seu throno
- « Se mostrará o rei ás musas dado
- « Pio , clemente , justiceiro e grande. (7)
- « Folga, ditosa America ! As esquadras
- « Da brazilia nação singrando os mares ,
- « Soltas as vélas aos galernos ventos ,
- « Não irão aviltar nações estranhas ,
- « Nem deixando os exercitos as fronteiras ,
- « Como longa guerreira caravana
- « Serpeando nos áridos desertos
- « Irão a conquistar estranhas terras ,
- « Mas farão baquear os falsos thronos
- « De novos Neros , que o teu solo insultem ,

E o auri-verde pavilhão brazilio
 Ovante ondulará por toda a parte!
 E calou-se. Tambem as náus já vinham
 Longe cortando as marulhosas ondas,
 E em breve o não vi mais. Qual visão grata
 Despareceram do gigante as fórmãs ;
 Desfeito todo em montes e collinas
 Patenteava assim o nos imperio :
 A brisa me trazia um como hymno
 Da plaga que meus olhos encantava ;
 Eis ribomba o canhão, eis lá risonha
 Abra immensa — do mundo maravilha
 — Prodigio sem igual da natureza — (8),
 Em seu seio acolheu as náus possantes (9).

« Folga o genio da America — com o riso
 Da vingança nos labios — vendo a estirpe
 De antigos reis buscar seguro abrigo
 Na terra onde o tinido das cadeias,
 Que os seus conquistadores lhe traziam,
 Afugentou a patria liberdade,
 Deixando escravos os seus tão livres povos.

« Foi longa a escravidão, porém o dia
 Chega já de ser livre! Lá estala
 O primeiro grillão do captiveiro!
 Os portos abrem-se ás nações do mundo,
 Prospéra a agricultura, e o commercio.
 E a industria e as artes avultando crescem ;
 Renasce a imprensa, brilham as sciencias,
 E na brazilia sonora lyra
 Preludia seu hymno a independencia.

« Vai, saudoso baixel, vai, entra o Tejo
 Que viu a esquadra de Cabral partindo,

Ir longinqua buscar um novo imperio ,
 Onde a cruz do Senhor abriu seus braços ;
 Leva o rei (10) que de Lysia adorne o throno ,
 E eu ficarei na terra americana .
 No festim das nações — novo conviva —
 Recebe os parabens , Brazil potente !
 Lá vence a independencia ! Livre exulta !
 Em breve tempo que porvir risonho !
 Rompem canaes a terra ; ferreos trilhos
 Varam a noite das umbrosas selvas ;
 — Gloria da nossa idade — orgulho do homem —
 O rapido vapor vencendo o tempo
 As distancias encurta e estreita os laços ;
 Surgem cidades e pullulam povos ;
 Provincias hontem já são hoje imperios !
 Oh gloria ! Oh meu porvir ! Não és um sonho ! »

Pensava assim. Veloz como o relampo
 Junto a elle parou um mensageiro ;
 Rapido salta do feroso bruto ,
 Que nitrindo , co'as mãos o chão escarva ;
 E o mensageiro se descobre ; beija
 A régia dextra ; entrega-lhe a missiva ,
 Que vem de longes mares , longes terras ,
 Ah ! de fadiga o seu corcel arqueja ,
 E entre vellos de espuma o freio tasca !
 Parára a comitiva. Toma a carta
 O principe , e a percorre e a lê de um rasgo !
 Na frente bella , magestosa e vasta
 Contracção de pezar lhe notam todos ;
 Eis subito se anima ; — no seu peito
 Se lhe dilata o coração ; — os olhos
 Ao longe os leva — , e a terra se lhe avulta

Em extensa campina e serra immensa,
 Que cingem rios que o universo assombram!
 — Elle vê um imperio ingente e bello,
 E invicto brada: « Independencia ou morte! »
 Que electrico furor! Que entusiasmo
 luunda as almas de prazer divino!
 Abrasados do santo amor da patria,
 Cheios de brio e ardor os cavalleiros
 As espadas arrancam repetindo
 O grito, que soára magestoso,
 Como o vagido immenso de um gigante
 Que ahi nascia para o orbe. Ainda
 Pela ultima vez o sol luzira
 Sobre as espadas que cruzadas brillham
 Symbolisando um santo juramento,
 E se abysmára no horizonte infindo,
 Deixando o céu apavonado e bello.
 Tambem a numerosa comitiva,
 Como longa serpente sinuosa,
 A estrada voltejando se sumira,
 Ouvindo sempre o portentoso brado,
 Que de écho em écho revivia ao longe.

Cahe a sombra da noite. O sol já brilha
 A outros povos como novo astro,
 E amanhã luzirá a um povo livre
 Que sem sabê-lo vivirá em ferros!
 Porém o brado retumbando em breve
 Desde a foz do Amazonio á foz do Prata
 Fará cahir as ultimas algemas.

— O' princeza do Sul — . sentada á margem
 Do Tamandahy (11), — illustre berço

Da liberdade, independencia e gloria — ,
— Nobre terra de heróes! — Ebria de gozo,
Que os ares encha derramado em vivas,
E a te sorrir de amor, recebe, acata
Bravo guerreiro que as tuas portas entra,
E vem do campo da maior victoria!
A sua espada não goteja sangue,
Nem retinio na pugna mal ferida;
O seu ginete não calcou cadaveres,
O odor da guerra respirando em fumo;
A batalha custou somente um brado,
Cadente brado que o Ypiranga ouvira!
Ah! primeira que todas as cidades,
— O' filha do Brázil — virgem do valle —
Proclama e c'rôa em teus invictos muros
O grande imperador — PEDRO PRIMEIRO.

Setembro 7 de 1855.

NOTAS.

(1) Amador Bueno da Ribeira, nobre Paulista, que rejeitou o titulo de rei que lhe offereceram os seus conterraneos. Vid. MADRE DE DEUS, *Memorias historicas da capitania de S. Vicente*.

(2) Tiradentes. Executado no Rio de Janeiro em 21 de Abril de 1792, sua cabeça foi exposta no *Campo da Forca*, em Villa-Rica, sobre um poste, para exemplo dos inconfidentes!

(3) A casa de Tiradentes em Villa-Rica, hoje cidade de Ouro-Preto, foi arrasada, salgado o logar, e levantou-se ahi um *monumento ou padrão de infamia*, que depois um illustre Mineiro, o Sr. Jorge Benedicto Ottoni, conseguiu que se desmoronasse.

(4) Calabar.

(5) *O gigante que dorme* á entrada do Rio de Janeiro.

(6) D. Maria II, rainha de Portugal.

(7) S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

(8) A bahia do Rio de Janeiro.

(9) A esquadra portugueza que trouxe a familia real.

(10) D. João VI.

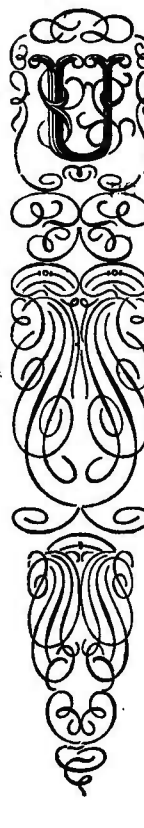
(11) A cidade de S. Paulo , á qual Dom Pedro conferiu o titulo de imperial em 17 de Março de 1823.



IV

A VISÃO DO PROSCRIPTO

—



Em escolho !. Eis o vasto e grande imperio
Que tanto ambicionou-lhe a alma ardente,
Barreira extrema aos vôos de seu genio!
Assim ante os seus olhos o oceano
Immenso e livre suas ondas rôla,
Quando junto de si possui apenas
Pobre regato a saciar-lhe a sêde !

Oh que tormento e gloria ! — Ceos diversos
Na ventura e infortunio o coroaram
Co'a luz sidérea de seus bellos astros !
E como não sorrir-se de despeito ?...
Mas quando a tempestade envolve tudo,
E o silvo seu a seus ouvidos treme,
Como o sibilo de candente bala ;
E ouve das ondas o feroz bramido,
Como o relincho de corceis indomitos ;
E no ronco do trovão que se avizinha,
Como o som da funesta artilharia ;

Então sua alma com batalhas sonha ,
 Sanguento quadro de dantescas scenas ;
 Então brilha o relampo nos seus olhos ,
 Como o reflexo outr'ora de sua espada
 Ante o sol de Austerlitz e Marengo !

Eil-o em pé no rochedo, que lhe resta
 De tantos thronos que lhe dera o genio,
 Cruzos os braços sobre o altivo peito
 E curva a augusta fronte, meditando ;
 E a viração da tarde amena e fresca ,
 Mansa e risonha refrangindo as ondas,
 Vêm as ondas murmurando quebrar-se
 Contra esse escolho, que uma lousa vale ,
 Após tanto esplendor de vida e gloria !

E rolan-lhe as batãllhas gloriosas
 Na vasta mente que o universo abrange ;
 E á frente dos heróes, que em vez de louros
 Alcançam diademas, elle marcha
 De victoria em victoria. O mundo inteiro
 Já cré pequeno para impôr-lhe o mando,
 Ou para imperio de tamanha gloria !

Elle vê, elle ouve; — attento escuta :

— La retinem as armas encruzadas :
 — La sibilam as balas — la relincham
 Impavidos ginetes e ribomba
 A pesada fatal artilharia.
 — La ruem thronos — la baqueiam reinos.
 E os povos livres e os reis vencidos
 Abrilham-lhe a marcha no triumpho !

E a brisa que cresce e que murmura
É harmonica voz a seus ouvidos
« Austerlitz e Marengo » então dizendo.

Cresce o sôpro da brisa — eis a tormenta !
Rolam as ondas umas após outras :
— São as alas do exercito invencivel !
Brame o Oceano — é seu corcel que irado
Nitre sedento de afogar-se em sangue !
Ruge o trovão — é o canhão que atrôa
Inimigas phalanges envolvendo
Em turbilhões de fumo e de metralha !
Agglomeram-se nuvens — são abobadas
Do fumo despedido das bombardas !
Fuzila a tempestade — são as armas
Que relampejam, se emmaranham e cruzam !
Sibila o vento — são candentes balas
Que voando e zunindo os ares rompem !

E o vento e o trovão e o mar que fremem
São como um só bradar a seus ouvidos,
Que « Waterloo » estão ahi dizendo.

Seus olhos se incendeiam ; elle se anima,
O halito da guerra respirando
Ao crepitar do raio que se inflamma !
Ei-lo de sobre o campo ensanguentado
Por entre os esquadrões, que já recuam
Ante a voragem de inimigas tropas
De nações e nações, que ali pleiteiam
Armadas contra o genio das batalhas.

De sob um céu de fumo e de pelouros,
Sobre um chão de cadaveres juncado,

Rubro de sangue, liarto de ruinas,
 Cruza-se o fogo que retumba e trôa
 Dos canhões, das bombardas; e a baioneta
 Contra a baioneta, a espada contra a espada
 La se enredam em confuso torvelinho.

Eis á voz do canhão que longe sôa,
 As roufenhas descargas de arcabuzes,
 Ao canglor das trombetas, ao sibilo
 Das balas, ao relincho dos ginetes
 Emmaranhados em tropel confuso,
 E ao grito penetrante dos feridos,
 Ulula a morte, arqueja e treme a terra
 Ebria de sangue tepido, fumante,
 Que a inunda e a cobre de funereo manto;
 E os écos repetindo os sons do inferno
 Cadenceiam um cantico terrivel,
 Como um clamor que ao céu dirige a terra!
 Enfumaçados, rotos, lacerados,
 Por granadas aos centos disparadas,
 Desgrenhados ondulam os estandartes
 Das aguias immortaes, que ovante vôo
 Des das margens do Sena desferiram,
 Ouvindo sempre o hymno do triumpho.

Dos bronzicos trovões fuzila o raio,
 Desnovela-se o fumo; ardentes bombas,
 Co no globos de sangue os ares rompem,
 Gemem, sibilam, cahem, rodam, estrondam,
 Rebutando em diluvio de metralha,
 Que prostra em terra muros de baionetas,
 E arrebatá a peleja, e embrulha e envolve
 Vivos, feridos, moribundos, mortos,

E de novo os espalha sobre o campo ,
Como folhas que o vento redemoinha,
E as esparge de novo.— Lá nas armas,
Que deixam trepidando a vida buscam
Longe de tanto horror de tanto estrago
As contrarias cohortes. Elle escuta.

— Sôa a victoria ? Não , que lá de novo
Trôa o canhão ; renova-se a batalha,
Qual nova alluvião que tudo inunda !
Qual novo incendio que das cinzas surge !...

E o sol e seus soldados o abandonam
Hartos de pelear, mortos no campo,
Ou prostrados de afan, e elle exclama :
« — Tem-te, ó sol ! Não me roubes a victoria
Que todas quantas alcancei te cedo
Por esta tão sómente! . . . » E a vez primeira
Fugia-lhe a victoria ! . . . O sol no occaso
Ouvindo-o, se sumiu !. Do heróe o vulto
Projectado tambem no vasto campo
Nas sombras se extinguiu !. Ultimo esforço
Elle tenta ; no prelio se arremessa ;
Procura a morte. E então levando a dextra
Á invencivel espada , busca em torno
De si os marechaes. E onde estão elles ?..

Desparece a illusão ! . . . Subito esconde
Nas mãos os olhos e de dôr e opprobrio
O peito se lhe opprime , e o iugente brado ,
Que deveria animar os combatentes,
Troca-se em triste funebre gemido
Que vem do coração morrer-lhe aos labios !

Ah só fleis amigos do destêrro,
Só mercenarios guardas que o vigiam
Só o exilio, o mar ; — tão longe a França !.

E o vento e o trovão e o mar que bramam ,
São como um só bradar a seus ouvidos
Unisonos dizendo : « — Santa Helena ! »



V

A FESTA DO CRUZEIRO

—



ESPONTA a aurora ! A matutina estrella
Brilha no céu azul pomposa e linda ;
Amplia-se o horisonte e se ensanefa
De purpurinas e douradas nuvens ;
O hymno da manhã entoam aves
Meigas trinando nos floridos bosques ;
Perfumoso terral , brisa da serra ,
Beija a gentil palmeira , sentinella
Que a lança vegetal ergue entre as plumas ;
Descende ao golfo, que o Janeiro guarda ,
E as aguas encrespando as deixa e foge ;
Aqui, ali fuzila ; o canhão troa ;
E ao som festivo , que retumba ao longe,
Se eleva aos ares o pendão brazilio.

Salve emblema immortal de um livre povo ,
Que alegre e festival desperta agora ,
Contente, sem grilhões, que os romper soube,

Eis o sol! Alva luz inunda os montes
 E da ingente cidade as torres banha:
 Grato repique saltitando danza
 No bronze aereo e os ares harmonisa:
 Festivas galas, que recamam flôres
 Ornã a cathedral do novo imperio;
 E o clarim marcial soando chama
 Os guerreiros á festa (1), que este dia
 Aos filhos que o merecem (2) a patria o sagra.

Pouco e pouco povoa-se o recinto
 Da regia cathedral. Grandes e nobres
 A fronte curvam ao symbolo sagrado;
 Herôes, que á tyrannia disputaram
 Sobre o mar sobre o campo, em marcia lide,
 A patria, a independencia, a liberdade,
 Depoem submissos da victoria os louros
 Que em triumpho immortal os céos lhe deram!
 Eis chega a magestade! Eis rompe o organ
 Em suaves, mellifluos accentos,
 Que reboando vão pelas abobadas;
 Ante o sacro painel, que o pincel destro
 De Leandro (3) imprimiu á fina tela
 Prostra-se o capellão, o excelso bispo,
 E entre nuvens de incenso a Deus se alça.
 Rege o divino côro dos cantores
 Mauricio, que a Mozart não cede a palma (4).
 Plebeus e grandes reis e sacerdotes
 Curvos adoram a sabia Omnipotência.

Nos labios dos cantores morre o hymno,
 Dos ministros nos labios morre a prece.
 E nas vastas arcadas se extinguindo
 Vão com as vozes do orgão a prece e o canto;

Reina o silencio , e no elevado pulpito
 Curiosa a multidão os olhos crava ;
 Eis Sampaio (5) fecando surge , assoma ,
 E , magico orador , desprende a falla ;
 Arrouba-o o enthusiasmo , os céos o inspiram ,
 E em sagrado delirio a Deus se eleva ;
 Baixa depois á terra , e á patria amada
 Rasga o véo do porvir mostra a grandeza
 Que entre as demais nações lhe fada o Eterno ;
 Pede depois aos bravos brasileiros
 Que a prol da patria trabalhando marchem.
 Ah ! para premiar-lhe os nobres feitos
 Ella possui as fulgidas estrellas
 Do cruzeiro do sul aos ceos roubadas
 Por seu imperador, seu pai seu numen ! (6)

Qual vaga immensa a multidão se agita
 Cheia de mudo applauso. Lá de novo
 Mauricio accena e os canticos começam ;
 De novo o sacerdote a prece entoa ,
 Mas de novo tambem fenecem cessam.

A multidão em ondas se dispersa ;
 Ao paço a fausta côrte se dirige ;
 Silencioso , apenas resta ao templo
 Saudoso écho do sonoro canto
 Que envolto em nuvens de perfume expira ,
 Como o doce murmurio d'alma fonte
 Que exhaure o sol em arido deserto.

Na sala do docel se ajuncta a côrte
 Luzidia e pomposa , qual não viram
 Antigas capitaes do velho mundo (7).

Pedro o invicto em seu throno diamantino
 Realça-lhe a grandeza; Leopoldina
 A seu lado, orna o solio co'as virtudes
 Que em tão alto esplendor os ceos lhe deram.
 Mudos, em pé, ali, grandes e nobres.
 Revestem as paredes adornadas
 Dos paineis, que a Debret (8) seu preço devem.

Falta sòmente a tanto lustre e gloria
 O desterrado velho.. (9) que na lyra
 Tam carpida do exilio está chorando
 Tamanha ingratidão. Falta. Mas chegam
 De estrangeiras potencias os ministros;
 Compacta multidão eis se approxima;
 Mas d'ella nobremente se destaca
 Matrona varonil. Veste-lhe o peito
 Farda que mil pelouros respeitaram
 No campo da batalha entre as cohortes
 Do grande imperador (10); pende-lhe ao lado
 A espada, que manchou contrario sangue;
 No braço traz ainda não murchadas
 As folhas com que as mysticas donzellas
 Da Soledade (11) a frente lhe enramaram.

Pela còrte resoa um borborinho;
 Cravam-se n'ella os olhos; grandes, nobres
 Pela primeira vez a distinguiam;
 Pedro baixa do throno o olhar sereno;
 Leopoldina a contempla. Todos mudos
 Esperam que ella falle.

— « Salve, disse,
 Ante o solio imperial dobrando a fronte

Sublime imperador, e tu, excelsa,
E clara imperatriz. » E assim fallando
Nas regias mãos seus labios imprimia.

— « Quem és, e d'onde vens? » Eis lhe pergunta
O egregio imperador.

— « Mulher guerreira,
Venho da guerra ou antes da victoria. »

Assim ella responde e assim prosegue :

— « Já lá nos muros seus vê a Bahia
Ondular o pendão que nos doastes !
Lá vão, lá foram os contrarios nossos ;
Levam consigo o jugo, os ferros levam
E deixam-nos a patria e a liberdade ;
E na constellação do sul brilhante
Fulgura nova e venturosa estrella,
Symb'lo do teu poder . da gloria tua.

« Assaz eu tambem fiz ; na dura guerra
O meu braço amestrei por entre os golpes
Dos inimigos, mercenarios gladios,
E, aprendendo arrostar duros perigos,
A vida desprezei, obrei prodigios
Se tanto cabe em mim louvar meus feitos.

« Quantas vezes não vi da morte o anjo
Pallido e triste, em seu negro cavallo
De bastas clinas e enlutadas azas,
Pairado sobre o campo da batalha,

Sem que de medo o frio me tocasse
 Uma fibra sequer!. Ah! Deus me dera
 Em peito de mulher alma guerreira;
 Negou-me, é certo, encantos e attractivos,
 Mas doutou-me de indomita coragem!

« Senhor melhor do que eu saber tu deves
 Como a Bahia despertou um dia (12).
 Entre o luso e brazilio abriu-se a guerra;
 Filhos da servidão, brutaes soldados
 Correm, vociferando, as ermas ruas,
 E aos crebros golpes de pesadas maças
 Cedem do templo as portas (13); sacras joias
 A cubiça venal não fartam incitam;
 Lá vão do cidadão ao asylo inerme;
 Precede-os o terror, segue-os o insulto;
 Levam consigo o saque, o opprobrio, a morte!
 O leito conjugal, em vão velado
 De innocencia e pudor profana o crime;
 Flôr de amor cahe a virgem desfolhada;
 E o infante anjo de graça e de pureza,
 No seu berço infantil recebe a morte!

Novo Nero infernal, via Madeira (14)
 Da nova Roma a lúgubre agonia;
 Approvador, satanico sorriso
 Aos soldados crueis redobra as iras;
 Grito horrivel, ó ceos, d'entre elles parte,
 E no inferno estrugindo espanta as sombras!

« Aos conventos! » bradou da turba o cabo
 E todos repetiram: « Aos conventos! »

Gynceco do Senhor , sagrado asylo ,
 O mosteiro da Lapa resoava
 Co'os psalmos divinaes das puras virgens.
 Lá prostrada entre ellas . grave e humilde ,
 Joanna (15), que as regia viu tres vezes
 Sobre a ara sagrada a cruz mover-se ,
 E inclinar-se e depois cahir por terra .
 Assombradas a ella volvem todas .
 Mas infernal rumor. ouvindo. param .
 Aos golpes da segure as portas tombam
 E a bruta multidão invaõle o asylo,
 Porém debil mulher lhe embarga os passos ;
 Negra mortalha lhe reveste as carnes ,
 Já mortas para o mundo ha muito tempo ;
 Na frente sua angelical e bella ,
 — Aureola divinal — as cans alvejam,
 — Filhas do soffrimento e não dos annos.
 Em vão grave eloquencia orna-lhe os labios
 Em vão pede e supplica e roga e insta !
 Qual leão , que a rugir irriça a juba ,
 Move-se a turba, e ullulante avança.
 — Pois bem , a virgem brada austera e santa ,
 « Passareis , mas por cima de um cadaver ! »
 As baionetas calando investe a turba
 E ao seio virginal a morte levam !
 A esposa do Senhor cruzando os braços ,
 Acolhe do martyrio a eterna palma ;
 Alça os olhos aos ceos ; sorri-se ; expira.

« Que pavor ! Que tremendo sacrilegio !
 Estremece o marmoreo pavimento
 Tincto do quente sangue da innocencia !

Retumba nas vastissimas abobadas
 O alarido feroz da impia gente,
 E, transidas de horror, espavoridas,
 Fogem, deixando o asylo, as sanctas virgens!

« Eu vi, eu mesmo vi tantos horrores,
 E vingança jurei no altar da patria.
 Era fragil mulher, mas tambem elles
 Contra nós carneiros se mostravam.
 « Eia, ás armas! » bradei « Eia, Bahianas!
 « Se temos de perder a vida ingloria
 « Morramos sobre o campo da batalha
 Caro vendendo a vida aos inimigos;
 « Branquejem entre os seus os nossos ossos;
 « E vingue o feminil ardor bahiano
 « O sangue que em holocausto á liberdade
 « Tingiu as patrias, venerandas aras. »

« Tu, cara imperatriz, bem avalias
 Toda a nossa missão na independencia;
 Ah! ninguem se poupou a prol da patria!
 Quem a vida não pôde offerecer-lhe
 Suas joias cedeu a bem da guerra;
 Aos pés do solio teu Camargo illustre (16)
 Veio ufano as depôr em nosso nome.

« Longa foi a jornada e porfiosa,
 Sanguenta e dura e fraticida a luta;
 Mas enfim do Ypiranga ouviu-se o brado
 No fausto Pirajá e em Itaparica.

Lá desprende Madeira as pandas velas
 Das náus , que aprôa ás lusitanas plagas ;
 Lá escuta o canhão , que em som festivo
 Saúda o pavilhão de um povo livre ;
 Cochrane ousado lhes vigia a rota (17),
 E, ás brisas entregando as aureas flammæ,
 Singram ufanas o mar as náus brazílias.

« Rainha do Oceano, que te assentas
 N'um throno de esmeralda, tão vaidosa
 De teus marmoreos templos — Bahia ,
 Abre ao teu defensor (18) as portas*tuas!
 Filhas da Soledade, ornai as fronte
 Dos eximios heróes da patria nossa,
 Que eu grato á vossa estima , grato ás flôres
 Que sobre mim, benignas, espargistes,
 Transmittirei ao exercito invencivel
 O vosso abraço honroso e encomios vossos ! »

Calou-se. Universal applauso a acolhe ;
 Da meiga imperatriz roça o semblante
 Incantavel sorriso; e grave e austero
 Lhe accena o imperador que se approxime ;
 Co'a insignia do Cruzeiro orna-lhe o peito .
 E com a augusta palavra honra-lhe a graça :
 « Possa , diz-lhe o monarcha, o distinctivo,
 Digno de ti e mim , assignalar-te
 No dia em que tal festa celebramos ;
 Mostre elle o teu valor , raro em teu sexo ;
 Sirva de exemplo agora e no futuro ;
 Pois é bello servir á liberdade (19) ! »

Confusa a heroina (20) curva o joelho, e beija
A dextra ao imperador, que honra-la soube ;
Modesta , mas não tanto que disfarce
A alegria , que o riso ás faces manda ,
Procura se perder por entre a turba ,
Que se agglomera , a abraça e a felicita ,
E a acção imperial bem diz , e louva ;
Desce a praça e entre vivas ruidosos
Recebe os parabens do povo amigo.

NOTAS

(1) A festa da ordem do Cruzeiro foi marcada pelo art. 24 do decreto da sua criação datado do 1º de Dezembro de 1822.

A primeira teve logar no anno seguinte , e dahi para cá tem-se celebrado sempre no dia 1º de Dezembro , anniversario da coroação de D. Pedro I.

(2) A insignia da ordem do Cruzeiro tem no centro em campo azul celeste uma cruz formada de dezenove estrellas esmaltadas de branco, e na circumferencia deste campo , em circulo azul ferrete, a legenda *Benemerentium premium*.

Foi creada por querer outrosim , disse o imperador , augmentar com a sua imperial munificencia os meios de remunerar os serviços que lhe haviam prestado e houvessem de prestar os subditos do imperio e os benemeritos estrangeiros , que preferem estas distincções honorificas a quaesquer outras recompensas , e tambem para poder dar uma prova da sua alta consideração e amizade ás personagens da maior gerarchia e merecimentos que folgassem com esse seu signal de estimação. Vide decreto já citado.

(3) José Leandro , pintor historico e fiel retratista do tempo do reinado. É d'elle o quadro do altar-mór da capella imperial onde se vê retratada toda a familia real.

(4) O padre José Mauricio Nunes Garcia , inspector de musica da real capella que primou na musica sacra e elevou-se por seu genio a par dos Saltyburgs e Beethovens. Como Mozart compôz o *Requiem* que cantou-se nas suas exequias.

(5) O padre-mestre, prégador da imperial capella , Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. Foi um dos primeiros oradores que honraram o pulpito brasileiro.

(6) « Hei por bem (em allusão á posição geographica desta vasta e rica região da America austral, que forma o imperio do Brazil, onde se acha a grande constellação do Cruzeiro, e igualmente em memoria do nome que teve sempre este imperio, desde o seu descobrimento, de Terra da Santa Cruz) crear uma nova ordem honorifica denominada *Ordem Imperial do Cruzeiro*, etc. » *Decreto do 1º de Dezembro de 1822.*

(7) A illustre viajante austriaca Pfeiffer assim o affirma na sua obra : *Premier voyage d'une femme autour du monde.*

(8) Pintor historico, director e fundador da academia das bellas-artes desta côrte. É d'elle o quadro do paço imperial da cidade que representa a coroação do Sr. D. Pedro I.

(9) José Bonifacio de Andrada e Silva , o patriarcha da independencia nacional , que referendára o decreto da creação da ordem do Cruzeiro, e que então achava-se desterrado em Bordéos, onde, mais tarde, publicou as suas *Poesias aculsas* sob o pseudonimo de *Americo Elysio*.

Na sua bella ode *Aos Bahianos* e na que se intitula *O poeta desterrado* exhalou os suspiros da saudade, que lhe atormentava a alma tão longe da patria.

(10) O batalhão de caçadores, denominado dos voluntários do príncipe D. Pedro, organizado na Bahia sob o commando do bravo major José Antonio da Silva Castro.

(11) As freiras do convento da Soledade da cidade da Bahia, que prepararam brilhante recepção á entrada do exercito pacificador na mesma cidade.

(12) O dia 19 de Fevereiro de 1822. A rivalidade dos partidos dos generaes Madeira e Manoel Pedro tocou o seu auge e correu ás armas quando chegou á cidade da Bahia a designação vinda de Lisboa do general Madeira para commandante das armas, em prejuizo da causa nacional, que via no exercicio daquelle posto pelo general Manoel Pedro a expressão popular symbolizada pelo voto da juncta provisoria, que dirigiu então os destinos da provincia.

(13) A capella da Senhora do Rosario ricamente paramentada, que existia dentro do aquartelamento do extincto 1º regimento de linha.

(14) O general Madeira, commandante das armas da Bahia por designação das córtes de Lisboa.

(15) A madre Joanna Angelica senhora bahiana, então digna abbadessa do convento da Lapa.

(16) M. J. Pires Camargo apresentou a S. M. a Imperatriz Leopoldina, da parte das senhoras bahianas, as suas felicitações, e offereceu-lhe, em seus nomes, caso fosse necessario, as suas joias para manutenção da santa guerra da independencia. « A formidavel perspectiva das baionetas . disse o orador, já tintas no sangue de pessoas de seu sexo, bem longe de amortecer o seu patriotismo, só servia para as obrigar a correr mais depressa a se unirem á brilhante cadeia que ligará todo o Brazil em roda do throno do incomparavel príncipe regente, defensor perpetuo dos seus direitos. »

(17) O almirante lord Cochrane, então no serviço do imperio, que bloqueava a Bahia, perseguiu a esquadra portugueza até o 5° de latitude norte e capturou alguns navios. Vide a sua obra *Narrativa de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portugueza*.

(18) O general José Joaquim de Lima e Silva, commandante em chefe do exercito pacificador.

(19) « Querendo conceder a D. Maria Quitéria de Jesus Medeiros um distinctivo, que assignale os serviços militares, que com denodo, raro entre as mais de seu sexo, prestára á causa da independencia deste imperio, na porfiosa restauração da Bahia: hei por bem permittir-lhe o uso da insignia de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro. » *Decreto de 20 de Agosto de 1823.*

(20) D. Maria Quitéria de Jesus Medeiros de quem fazem honrosa menção em suas obras: Maria Graham, *Journal of a voyage to Brazil*; e Warden, *Histoire de l'empire du Brésil*. Nas *Brazilleiras* reuni todas as notas que pude alcançar sobre a vida e feitos desta distincta Bahiana.



VI

OS GUARARAPES

—



ALTA já vae a noite. Tudo dorme
Na brasilia Veneza (1); os patrios chóros
Ha muito que nos ares se perderam ;
Os diamantinos , fulgurantes lumes,
Que os arcos triumphaes abrilhantavam
Entre as nocturnas sombras se extinguiram ;
E o povo , que nas praças se agitava,
Pouco e pouco tambem se dispersára
Como as ondas do mar que se nivelam
Quando a bonança , as azas encolhendo
Converte o campo undoso em liso espelho ,
Onde se mira o ceo com seus incantos.



Alta já vae a noite. A brisa amena
Não mais brinca enleada nas palmeiras
Meiga espirando o halito odorifero,
Que haurira ao abacaxy em ternos beijos ;
Nem o Capibaribe mais murmura
Pelas humidas margens. La somente
No pedregoso cincto — portentosa
Repreza da natura — brame irado
E joga as vagas o oceano infindo !

Alta ja vae a noite. Recostada
 Sobre tropheos de esplendidas victorias,
 Vêla das aguas a gentil princeza
 Vaidosa da hospedagem que offerece
 ÀQUELLE, cuja fronte ingente e bella
 Rutilante de gloria e magestade
 Tem por seu diadema a austral corôa (2).

Tambem n'õ regio paço em aureo leito
 Pousára o Imperador extenuado
 Das fadigas do dia (3). Mas debalde
 Involve-o grata e densa e amiga sombra,
 E vem o somno as palpebras cerrar-lhe;
 Perpassam-lhe as batalhas gloriosas
 Na mente cheia de esplendor da patria;
 Caras recordações dispontam surdem,
 Se animam, se engrandecem se amplificam
 Do passado o heroismo revocando;
 Cré-se ainda nos montes, cuja fama
 Resoa no universo e a patria adora;
 Ve ainda o logar onde Barreto
 Symbolisou n'um templo o seu triumpho.
 Memoraveis tropheos a Deus votando (4);
 E os Guararapes, pela voz dos echos
 Vem inda sussurrar a seus ouvidos
 Os cantos marciaes de altas victorias.

Que doce melodia se derrama
 Em torno a si! Do ceo descendem anjos
 Harmoniosas cytharas ferindo,
 E exhalando dos labios celsos hymnos;
 Dourados turbilhões de róseas nuvens
 Enchem a augusta mansão e luz serena,
 Qual magico fulgor assoma, cresce;

La duas varonis matronas surgem
 Em carro triumphal, e vem sentadas
 No throno de tropheos, em que a victoria
 Consagra a ostentação vencidas armas,
 Luzidos elmos e vistosas plumas;
 Ornam-lhes o espaldar do fausto solio
 Neerlandezas bandeiras que arrancaram
 Ás contrarias phalanges. Enramadas
 As cabeças estão de cisalpinia (5);
 Trazem na dextra o batavo estandarte
 De carmesim e azul onde campêa
 O guerreiro leão (6) e tem na séstra
 Mil virentes laureis; no largo peito
 Argentineas letras — Guararapes — dizem.

Ambas o carro deixam; morre o canto
 Que unido aos sons das cytharas se ouvia;
 Ambas as fronte curvam e exclamam ambas:

« — O' penhor da união de um grande povo,
 Brasilio Imperador, nós te saudamos! »

E assim fallando as c'roas lhe offertavam;
 Affavel, inda na illusão de um sonho
 O inclyto Monarcha as recebia.

E os anjos, que do ceo baixado haviam
 Em choro ao som das cytharas cantavam:
 « — Grande Rei do porvir dos Guararapes
 É tempo, colhe as palmas das victorias! »

« — Nós somos uma diz, filhas da guerra,
 Ambas irmãs na gloria, ambas no berço
 Que os Guararapes orgulhosos mostram;

Primeira eu fui que as armas brasileiras
 Coroei de triumpho e ergui ufana
 Nobres tropheos com os marciaes destroços
 Dos rotos batalhões de Segismundo
 Que com sangue os tingiu porque pagasse
 Bárbara guerra de cruel vingança,
 Que à Bahia levou irado e cego
 Quando Olinda briosa o repellira
 Ao surdo som da rude artilheria.

« — Sem mim ainda sulcaria ousada
 Bátava quilha o oceano e rugiria
 O leão neerlandez em nossos bosques ;
 Acezos da cobiça, avidos povos,
 Qual o ibero depois e antes o franco (7),
 Vir-nos-hiam impôr seu ferreo jugo,
 Novos thronos alçar na patria nossa ;
 Ou talvez nos ceder em almoeda (8)
 A' aguia que olhos soffregos alonga
 E, armando as garras de troantes raios
 O vóo ensaia de Behringue ao Hórno (9).
 A herança de Cabral — ampla e sublime,
 Em mesquinhas partilhas retalhada
 Não fôra hoje o magestoso imperio
 Da raça que se prostra á cruz de Christo,
 E á lingua de Camões dá novos bardos. »

E os anjos que do ceo baixado haviam
 Em choro ao som das cytharas cantavam :
 « — Nem o teu diadema contaria
 Tantas estrellas fúlgidas, brilhantes ! »

« — E tu, prosegue a outra, e tu que o exemplo
 Do amor das patrias cousas dás ao mundo ;

Tu que abrigas a historia nos teus paços ,
 E o passado interrogas curioso ;
 Tu que a lyra immortal tambem dedilhas ,
 E o estro á tuba generoso animas ;
 Tu que prescrutas nos siderios campos
 A marcha infinda de luzentes astros ;
 Vê n'essas laudas vivas o destino
 Que á patria tua prescrevêra o Eterno !
 Vê a grande colonia inda nascente
 Como ahi se alevanta de seu berço
 Sem guerreiros contar , sem medir forças ;
 E intrepida e fiel , audaz e crente
 Hastêa a sancta cruz , a espada empunha ,
 E acceita a guerra que lhe traz a Hollanda ;
 Tres vezes mais que na dardânia Troya (10)
 Durou a pugna surprehendendo a Europa.
 Malhado tigre da brasilia selva
 Arrostando o leão do velho mundo ;
 Em vão o drago luso o abandonára (11),
 Deixára-o Lysia em vão sem seu apoio ;
 Em vão o armisticio suspendêra
 No meio da victoria as armas suas ;
 Não se arrefece mais o ardor da guerra
 Quando da patria o amor o sangue inflamma ;
 E a liberdade inspira acções preclaras.
 Que longa serie de cabaes triumphos
 Apenas brada a independencia: — « A's armas ! »
 Lavra a conflagração , heróes pullulam !
 Lá se acclama em Tabocas a victoria
 De Cardoso , que o prelio abriu primeiro ,
 E do Tapacorá tingiu as ondas
 De sangue inda fumante ; aqui se abate
 Serinhaem a Soares destemido ;

Vê o Recife na risonha vargem
 Blaar render-se a Negreiros denodado;
 Nazareth sitiada capitula;
 Porto-calvo se entrega a Lins potente
 E o Penedo a Pacheco; cahe Olinda.
 Curva-se Sancta Cruz; lá Sancto Amaro
 Rompe contra o Recife activo fogo;
 Ergue-se Bom-Jesus e á voz do bronze
 Saudação de presagio glorioso
 Dirige a nova época faustosa
 Dos Cardosos Barretos, dos Negreiros,
 Vieiras, Camarões e Henrique Dias (12)!
 Ah quantos feitos dignos de alta fama
 Só por manter á patria integridade! »

E os anjos, que do ceo baixado haviam
 Em choro ao som das cytharas cantavam:
 « — Sirvam de exemplo ás gerações vindouras
 Para inteira guardar a sacra herança! »

« — No ceo, diz a primeira Aries luzente
 Cedia ao Tauro os luminosos campos
 Quando buscou Barreto invicto e bravo
 Deter ao belga a marcha triumphante.
 Lá deixa Bom-Jesus, lá vem postar-se
 Aonde o passo e a vida lhe dispute;
 Dourou a luz do sol o espaço immenso
 E as inimigas armas refulgiram.
 Segismundo as dirige; em sua idéa
 Já marcha á gloria que lhe apresta os louros.
 Suas terriveis asperas phalanges
 Não são mais numerosas que as estrellas?
 Sua espada — corisco da peleja
 Não as tem á victoria conduzido? »

Gigante do poder soberbo e forte ,
 Via os seus estandartes fluctuando
 E em cada ondulação lia um triumpho !
 Via rodando a rouca artilheria
 E sobre ella sentada e rindo a morte !
 E seus corceis indomitos nitriam
 Ao canglor dos clarins , ao som das caixas ,
 Que o ânimo guerreiro ao peito accende.

« Já Cardoso o provoca altivo e ousado ;
 Estimula-o e recúa , avança e foge ,
 Até que o attrahe ao campo aonde o aguardam
 As varias raças que reune a patria.

« Confiado em seu poder, e ardendo em brios
 Investe Segismundo. Ao seu acceno
 Um negrume de pó, de fogo e fumo
 Innunda os ares enluctando o dia ;
 Fuzila e ruge a rude artilheria
 Como orchestra de raios trovejantes ;
 Atroam os batalhões, geme a metralha
 Varrendo o campo, semeando a morte :
 — Immoavel rocha — que a torrente affronta ,
 Impavido Barreto espera , attende.....
 Mais e mais Segismundo se approxima
 Seguro da victoria..... De repente
 Rompe Barreto o fogo e avança e leva
 Horrendo estrago a innumeradas phalanges ;
 La Vieira as detêm com seus soldados,
 Com seus negros leões as vence Henriques ;
 La se empenha Vidal ; la se encarniçam
 Do bravo Camarão os bravos indios ,
 Que aos ares soltam sussurrantes settas ;

Confuso e tincto no seu proprio sangue
 Recua Segismundo, e as feras hostes
 De Brincke afoito vão bebendo a morte
 Nas frias ondas do sangrento lago ;
 Hus, de novo cedendo á valentia,
 O bronze perde, alojador dos raios
 E o belga immerso no seu proprio damno
 Procura a vida na ligeira fuga
 Deixa a terra de mortos alastrada ,
 O campo livre e de tropheos coberto. »

E os anjos, que do ceo baixado haviam
 Em choro ao som das cytharas cantavam :
 « — Gloria a Deus, julgador da sancta causa!
 Salve, ó terra da cruz, que assim triumphas ! »

« — No ceo, diz a segunda, ardentes Pisces
 Já em ondas de luz vinham nadando
 Quando Brincke tentou lavar em sangue
 As armas suas do passado opprobrio ;
 Remir á fuga, que manchou-lhe a fama
 Com raro esforço, que lhe exalte a gloria ;
 Ceifar as palmas que ceifar não pôde ;
 Ai tanto cegas, ambição humana !

« E mais se approximava, qual tormenta
 Que o ceo obumbra com espesso manto
 Horrendo estrago annunciando á terra ;
 Orgulhoso enumera as tropas suas,
 Conta soberbo com o valor que ostentam ;
 E em cada passo seu marca a arrogancia
 De atroz conquistador, que tudo esmaga ;
 A vingança mortal, accesa em raiva ,

Lhe vem do coração luzir nos olhos;
 Rufam tambores e clarins resoam,
 Resoam, rufam la tambem os echos;
 Marcham mil batalhões como um só homem,
 Do ermo as plumas entregando ao vento;
 Calçados de aço, relinchantes brutos
 Brotam nuvens de pó, que os ares toldam
 E ao som quadrupedante a terra treme;
 Nos montes, em que a fama assignalada
 Braziliás armas revestiu de brilho,
 Ondula emfim o batavo estandarte!
 O leão neerlandez la chama as quinas;
 Ao rugido feroz responde o tigre..
 Qual rapida centelha eis vòã, eis chega
 Barreto invicto e Brincke impallidece;
 Já se arrecêa da fatal arena
 Que o coração presago lhe palpita!..

« Olha o belga ante si — e vê dispersos
 De seus guerreiros alvejando os ossos,
 Que semeára a mão da crua morte,
 Tanto arrojo ecclipsando em breve instante!
 Olha o luso tambem — e vê juncando
 Ainda o chão vestigios da victoria
 Que Segismundo pávido deixára,
 Tanto esforço mentindo n'um só dia!
 Escuta o belga — e ouve inda nos valles
 Os ais de seus guerreiros moribundos,
 Que saudoso queixume aos lares mandam!
 Escuta o luso — e ouve inda nos montes
 Os hymnos gloriosos que exornaram
 Tantos prodigios de valor não vistos!

« Eis no curvo horisonte o sol se esconde ;
 Desce o anjo da noite e as longas azas
 Abre e separa os duros combatentes
 Entre elles saccudindo bastas sombras.

« Mundo de luz , que de fulgor innundas
 Os profundos abysmos do infinito ,
 Bem vindo sejas á brasilia gente !
 Traze-lhe o dia do maior triumpho !

« Já deixa — ó erro de fatal quebranto
 Brincke a eminencia e no discorde campo
 Vem Barreto buscar , que hardido e activo
 Occupa o monte que abandona o belga,
 E o belga conscio da imprudencia sua
 Volta, mas volta em vão. D'aquem Negreiros
 De cem furias cercado , o affronta o assola ;
 Impetuoso Figueirôa o segue
 Derramando o pavor. D'além Vieira ,
 Impunhando animoso a forte espada ,
 Raio veloz — devasta-lhe as phalanges ;
 Cardoso o imita e impavido as açoita ;
 Qual tunida tormenta , Henrique Dias ,
 Involto em negra, atroadora nuvem,
 Rompe em roucos trovões , fulmina raios,
 Larga chuva de sangue despargindo ;
 Qual atro turbilhão , Diogo assoma
 A' frente dos brasis , qu'inda pranteiam
 De Camarão a perda (13) e déxtro envia
 Densa saraiva de rompentes flechas.

« Ira-se mais o belga. Ao seu acceno
 Eis novas legiões accodem , surgem ;

Porém — baldado esforço ! — o bronze brame
E accesos turbilhões desata entorna ;
Sibilante metralha impectuosa
Em continua explosão as varre logo ;
E Brincke , cheio de fatal alento
Troando, qual trovão que as nuvens rasga
Encoraja , convoca , activa , impelle
Os bravos combatentes ; vòa e corre
Onde seguro accena-lhe o triumpho.
Porém candente bala o prostra , o roja
Entre arquejantes , moribundos corpos .
Ja guerreiros não são os seus guerreiros ,
Que em vão por elle clamorosos chamam ;
So lhes respondem lugubres gemidos ! . . .
Transidos de pavor a vida buscam ;
Aqui depoem as armas. . . lá transfogem .
Abate-se ao leão a crespa juba
E exangue aos pés do bravo tigre tomba.

« Exulta , ó Bom-Jesus ! Ribomba , ó bronze !
Saúda o nunca desmentido brio
Que tão altos trophéos consagra á Olinda ! »

E os anjos , que do céu baixado haviam ,
Em choro ao som das cytharas cantavam :
« — Gloria a Deus , protector do grande imperio !
Honra aos heróes que a patria defenderam ! »

Porém já no horisonte infindo e bello
Começava a raiar alva serena ;
Pouco a pouco tambem a visão grata
Se esvaecendo foi. . . qual tenue sonho . . .

Cerra o monarcha os olhos. Dorme? Accorda
Que a alvorada resoa; as aves trinam;
Renasce à luz do dia a natureza
E a pompa ostenta nas brasílias galas
Que deu-lhe o Omnipotente. Já nas praças
Anhelante de vê-lo o aguarda o povo.

Ondina do Brazil virgem das aguas,
Sentada à sombra de formosas palmas,
Sob o mais puro ceo de azul mais puro,
Qual linda garça no hervaçal marinho;
Ergue, ó nova Veneza, a esbelta fronte
Em que a mural corôa te rutila
Por entre a rama de teus verdes louros,
E entre festivos hymnos, sons festivos
Da léda artilheria, acolhe, afaga
De novo o teu monarcha que saudoso
Ha de guardar-te na fiel lembrança:
Eia, esparge sobre Elle as flôres tuas,
Honra da liberdade o augusto filho,
O egregio Imperador PEDRO SEGUNDO!



NOTAS

(1) O Recife capital da provincia de Pernambuco , onde então achavam-se SS. MM. II.

(2) Alludo á constellação das doze estrellas , abaixo do sagitario , que brilha em nosso ceo.

(3) O dia 30 de Novembro de 1859 , em que S. M. o Imperador visitou os montes Guararapes , e viu e examinou os logares em que as armas brasileiras alcançaram sobre as hollandezas as duas famosas victorias de 19 de Abril de 1648 e 19 de Fevereiro de 1649.

(4) O mestre de campo Barreto de Menezes fez erguer uma ermida no local onde alcançara as victorias que decidiram da sorte das armas hollandezas no Brasil. Ja lá não existe ; substituiu-a a igreja da Senhora dos Prazeres ; mas vê-se no seu peristyllo uma lousa quadrilonga que commemora as celebres batalhas e a edificação da ermida. Sua Magestade copiou todas as suas inscrições.

(5) A *cæsalpinia echinata* dos botanicos , o *ybirapitanga* dos indios , o *brasil* dos portuguezes , é a bella arvore que deu nome á nossa terra. O instituto historico brasileiro consagrou-a aos heróes brasileiros , quando na sua grande sessão de 6 de Abril de 1848 coroou pela primeira vez com as suas mimosas ramas os bustos de seus fundadores. A deputação que assistiu ao funeral do conselheiro José Joaquim da Rocha , um dos collaboradores da independencia nacional , depositou em seu feretro uma grinalda de cisalpinia , que sua familia guarda como preciosa reliquia. Tambem a farda dos membros effectivos do institutó é orlada de ramas cisalpinas.

(6) Entre as bandeiras que os holandezes deixaram no campo, tanto n'uma como n'outra batalha, notava-se o estandarte general, cortado de carmesim e azul, e bordado com as armas holandezas; por baixo do leão via-se o distinctivo da companhia occidental.

(7) Os hespanhóes no Rio-Grande do Sul e Sancta Catharina, e os francezes no Rio de Janeiro e Maranhão.

(8) Em 1803 vendeu a França a sua Luisiana aos Estados- Unidos por oitenta milhões de francos.

(9) A aguia americana, emblema das armas dos Estados- Unidos. A exagerada pretensão da conquista de toda a America, degenerou na guerra civil que assola ha tanto tempo as republicas americanas; a qual, tambem por sua vez ameaça desmembrar esses Estados que ja impunham respeito pela força nascida da união.

(10) Triuta annos (1624—1654) durou a guerra dos holandezes no Brasil.

(11) O dragão bragantino, que orna as armas portuguezas.

(12) Para elucidações d'estes e outros pontos historicos vejam-se os historiadores que tratam da *guerra brasilica*, como Rocha Pita, Raphael de Jesus, Sancta Theresa, Brito Freire, conde de Ericeira, D. de Albuquerque Coelho, padre Callado, Fernandes Gama, abbade Raynal, Roberto Southey, A. de Beauchamp, Barleus e Netscher, assim como os *Episodios da historiu patria* e o *Brasil hollandez* do Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

(13) Camarão morreu depois da primeira e antes da segunda batalha dos Guararapes, em consequencia de uma enfermidade que lhe sobreveio. O Sr. P. M. Netscher, contra a opinião de todos os historiadores, diz que o valente guerreiro foi morto na primeira batalha. *Les hollandais au Brésil*, pag. 158.



INDICE

DEDICATORIA a S. M. o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.	v
PROLOGO do doutor conego J. C. Fernandes Pinheiro	vii

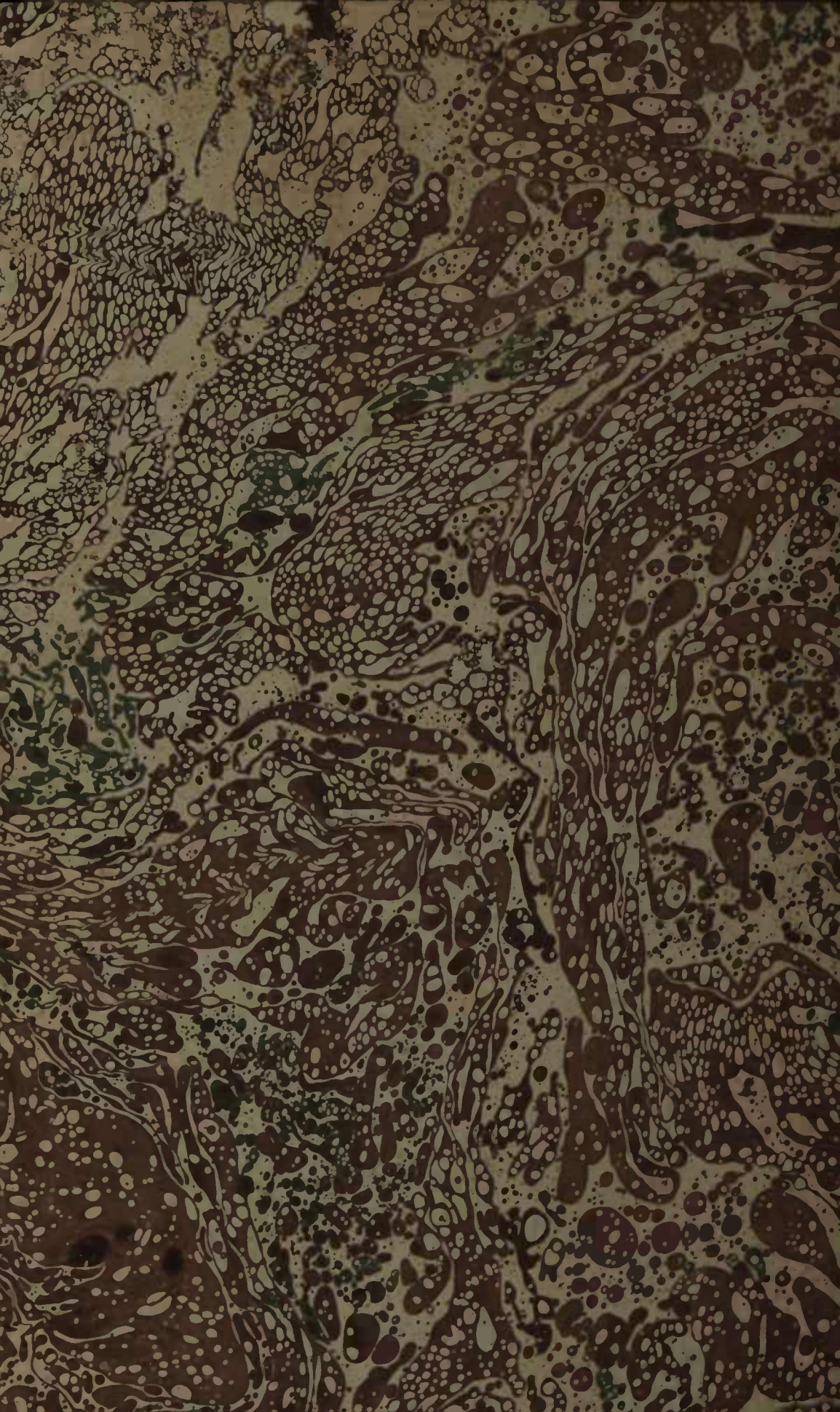
CANTOS

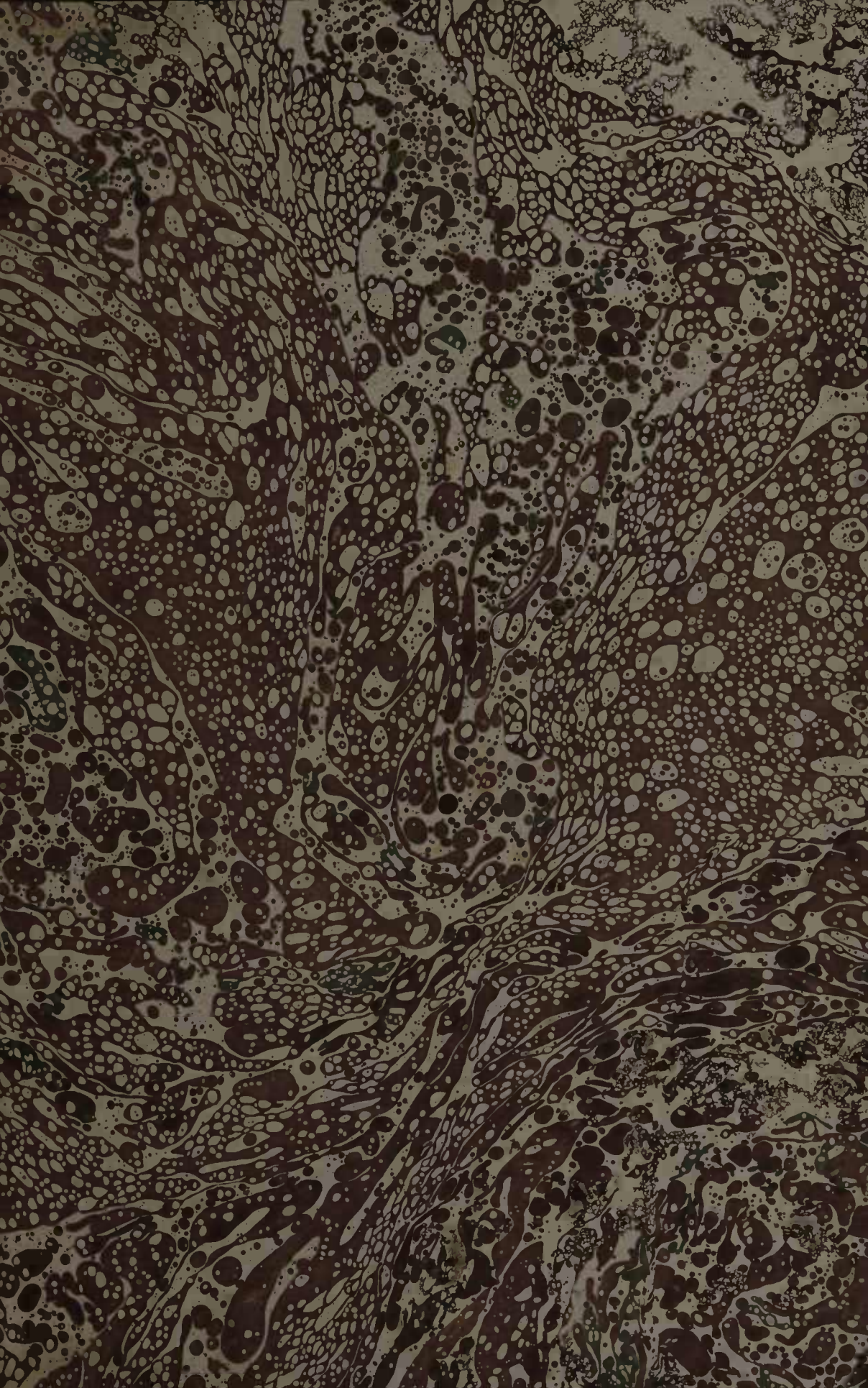
A cabeça do Martyr.	1
A corda de fogo	19
O Ypiranga	33
A visão do proscripto	47
A festa do Cruzeiro	55
Os Guararapes.	71

ERRATA.

ERROS	EMENDAS	PAG.	LINHAS
revindique	reivindique	11	15
hermida	ermida	13	1

E outros erros de menos importancia.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).